

8. Avaliação dos dados obtidos

At some point in their careers, most archaeologists, with the exception of the theoreticians, actually go outside and try to obtain some fresh information.

Bahn, 1989, p. 16

8. 1. Neolítico Antigo-Médio

8. 1. 1. Os povoados dos arredores de Évora: cultura material, povoamento e territórios.

As prospecções que, desde 1990, tenho vindo a desenvolver, com alguma regularidade, nos arredores de Évora, como um prolongamento dos trabalhos na região da serra d'Ossa, foram suscitadas, antes de mais, pela observação prévia de algumas diferenças de fundo entre as duas áreas: refiro-me, por um lado, ao megalitismo menírico e, por outro, aos vestígios do povoamento atribuível ao Neolítico Antigo-Médio, fenómenos praticamente desconhecidos na região da serra d'Ossa mas presentes ambos, com especial intensidade, nas proximidades de Évora.

Pretendi, fundamentalmente, obter alguns elementos para a compreensão dessas diferenças, na convicção de que a proximidade geográfica entre as duas áreas e a ausência de notórias fronteiras naturais se deveria traduzir arqueologicamente em fenómenos directamente relacionáveis.

De facto, a observação da existência de um eixo definido pelos grandes recintos megalíticos (cromeleques) do Alentejo Central, ligando Montemor-o-Novo, Évora e Reguengos de Monsaraz, deixando de fora a região da serra d'Ossa, e uma revisão dos dados disponíveis sobre o fenómeno dos menires em geral, sugeriu a formulação de uma hipótese explicativa (Calado, 1990, 1993b; Calado e Sarantopoulos, 1996; Calado e Rocha, 1996) cuja verificação passava, num primeiro momento, pelo aprofundamento das prospecções nas áreas referidas.

Nessa hipótese assumia-se, pela primeira vez, que a neolitização do Alentejo Central tinha sido iniciada por populações cujos espólios eram tradicionalmente considerados pré-megalíticos, tendo em conta uma série de dados ainda muito obscuros, em que se contam os clássicos vestígios da gruta do Escoural (Santos: 1970; Araújo, Santos e Cauwe, 1993), os materiais do Museu de Montemor-o-Novo, provenientes dos arredores do Cromeleque de Cuncos (Fonseca, 1987, p. 178), as referências extremamente vagas a S. Sebastião da Giesteira (Burgess, 1987, p. 40) e os povoados dos Almendres e do Monte dos Almendres (Gomes, 1989, p. 264), o primeiro dos quais tinha sido por mim localizado já em 1986.

Trata-se basicamente de conjuntos artefactuais constituídos por cerâmicas com decoração impressa, incisa ou plástica, em que as mós, os percutores e a pedra polida raramente ocorrem e a pedra lascada, quando conhecida, é maioritariamente integrada por lascas e lamelas de sílex.

A este conjunto de Montemor-o-Novo e Évora, somavam-se os primeiros dados, entretanto publicados, referentes aos povoados neolíticos de Reguengos de Monsaraz (Soares e Silva, 1992; Gonçalves, Calado e Rocha, 1992, p. 400), cuja cultura material, particularmente no caso das Pipas, é em quase tudo semelhante à dos anteriormente referidos, havendo a acrescentar uma significativa percentagem de macroartefactos sobre quartzito, de aparente recorte languedocense.

A conexão crono-cultural entre o povoado das Pipas e as enigmáticas cistas megalíticas de Reguengos (Leisner e Leisner, 1951, p. 274, 282), proposta por J. Soares e C. T. Silva, é, por enquanto, uma hipótese muito frágil, se conjugada com a escassez da informação em

que assenta; estes autores estabelecem paralelos, de um modo talvez um tanto forçado, entre esses monumentos e a sepultura do Marco Branco, no litoral alentejano (Silva e Soares, 1983), cujos construtores parecem ter sido os “últimos habitantes da fase do Neolítico antigo evolucionado da Salema” (Soares e Silva, 1992, p. 45-46).

O paralelo entre esses monumentos, supostamente integráveis nos “alvores do megalitismo” de Reguengos e os que Manuel Heleno escavou em Montemor-o-Novo e Estremoz (Heleno, 1956, p. 29; Leisner e Leisner, 1951, p. 20, nota 27; Arnaud, 1982, p. 30) é, por seu turno, um exercício ainda mais arriscado, uma vez que, a meu ver, são comparáveis sobretudo quanto ao grau de incerteza que paira sobre ambos conjuntos, para já não falar nas diferenças em termos de contexto mesológico e arqueológico (Jorge, 1990, p. 109).

As incógnitas que subsistem sobre essas sepulturas e sobre a gênese do megalitismo funerário em geral, tornam, naturalmente, demasiado prematura a ligação entre eles e os povoados do Neolítico Antigo Evolucionado (Oosterbeek, 1994b, p. 30).

De facto, podemos admitir outro tipo de rituais funerários, pré-megalíticos, “nas proximidades do povoado, sem recurso a estruturas funerárias de grande porte” (Jorge, 1990, p. 100) ou na tradição dos enterramentos em gruta, por exemplo. Alguns indícios, noutras áreas geográficas sem formações cársicas, sugerem a utilização funerária de abrigos naturais, definidos entre caos de blocos graníticos, como acontece, nomeadamente, nas grutas extremenhas de Boquique ou de Montánchez (Enríquez, 1986, p. 19; Piñon e Bueno, 1988, p. 222) e, ao que parece, também na Catalunha (Bosch, 1994, p. 63).

Note-se que a maioria dos povoados com materiais do Neolítico Antigo, ou de tradição antiga, no Alentejo Central, se localiza precisamente em áreas com esse tipo de formações geológicas, como é o caso do povoado das Pipas, “onde ocorrem grandes afloramentos graníticos” (Soares e Silva, 1992, p. 46), ou do dos Gorginos (Gonçalves, Calado e Rocha, 1992, p. 400).

As recorrentes associações espaciais entre alguns menires e, em particular, os cromeleques e os povoados mais antigos, evidentes ao longo do corredor Montemor-Évora-Reguengos, verificam-se, em grande medida, também no Algarve Ocidental ou nos Chãos de Sines, o que nos permite, como hipótese de trabalho, considerar a eventual contemporaneidade, em sentido amplo, entre os dois fenómenos (Calado, 1990).

A neolitização do interior alentejano seria ainda, nesta perspectiva, contemporânea da gênese do megalitismo (Zilhão, 1992, p. 162), embora ambos os fenómenos sejam entendidos de uma forma radicalmente distinta: aos primeiros colonizadores corresponderiam, não as cerâmicas lisas “dolménicas”, mas sim as cerâmicas impressas, e os alvores do megalitismo seriam representados pela arquitectura menírica, anterior ou paralela às mais antigas manifestações do megalitismo funerário.

Deste modo, “a construção de megálitos” não seria necessariamente “um segundo momento na diacronia da ocupação das terras alentejanas” (Diniz, 1994a, p. 148), mas o primeiríssimo momento; a fase seguinte, seria, efectivamente, a construção de sepulturas megalíticas, em correspondência com a substituição das cerâmicas decoradas pelas cerâmicas lisas, eventualmente almagradadas, dos espólios dolménicos considerados mais arcaicos.

É certo que, por enquanto, tendo em conta a indefinição que paira sobre a cronologia dos referidos sepulcros sem corredor, ou de corredor curto, temos que admitir a hipótese da contemporaneidade destes monumentos com a construção dos recintos megalíticos e com o uso quotidiano das cerâmicas impressas; para sustentar esta alternativa, atendendo à raridade das cerâmicas decoradas em contextos funerários megalíticos, seria necessário considerar a existência de um ritual funerário que incorporasse nos espólios, selectiva-

mente, apenas as cerâmicas lisas; porém, esta hipótese, sendo de reter, não se articula muito bem com a associação entre cerâmicas impressas e enterramentos, bem atestada na gruta do Caldeirão e talvez na do Escoural e suposta em muitas outras grutas funerárias.

A antiguidade dos grandes menires e estruturas meníricas mais ou menos complexas, dentro do chamado processo de neolitização foi, nos últimos anos, confirmada por algumas descobertas fundamentais, como a reutilização das grandes estelas-menires de Locmariaquer na construção de Gavrinis e na Table des Marchand, na Bretanha (Le Roux, 1995, p. 75, 76), implicando um necessário desfasamento cronológico ou na sequência das várias fases dos alinhamentos do Moulin de Cojou (Le Roux, Lecerf e Gautier, 1989).

As prospecções nos arredores de Évora, particularmente as campanhas de 1994 (Calado, 1993b; Calado e Sarantopoulos, no prelo) e de 1995, a par de novas prospecções recentemente conduzidas na área de Pavia (Calado e Rocha, 1996), vieram reforçar, com novos dados, ainda preliminares, a proposta que atrás resumi.

Com efeito, identificou-se um elevado número de vestígios de *habitat* com cerâmicas decoradas (decoração impressa, incisa e plástica), mais uma vez em estreita associação com menires e cromeleques, alguns dos quais inéditos.

Destacam-se, pela quantidade e qualidade dos materiais recolhidos, os povoados da Valada do Mato e da Carrascosa (Calado, 1993b; Diniz, 1994a, p. 149), para além de grande número de pequenos núcleos de *habitat*, formando manchas descontínuas, a maior parte concentradas numa área inferior a 20 km² de superfície.

Os materiais de superfície dos povoados neolíticos de Évora levantam, actualmente, um leque de interrogações que só a escavação selectiva de alguns deles pode vir, futuramente, a solucionar; em primeiro lugar, em vários destes sítios (Carrascosa, Casbarra, Vale Maria do Meio I, S. Matias), recolheram-se, juntamente com as cerâmicas decoradas, que constituem o principal traço de união entre todo o conjunto, alguns exemplares, sempre percentualmente minoritários, de taças carenadas, lisas, que, de acordo com a posição cronológica que tradicionalmente se lhes outorga, parecem implicar uma continuidade de ocupação até aos inícios do Neolítico Final.

Esta continuidade enquadra-se perfeitamente nas observações efectuadas em boa parte dos sítios escavados, associados a menires e cromeleques: esse parece ser, pelo menos, o caso da Caramujeira e das Areias das Almas (Lagoa) (Gomes e Monteiro, 1977), de Cuncos (Montemor-o-Novo) (Gomes, 1986; Fonseca, 1987) e de Vale Pincel I e II (Sines) (Silva e Soares, 1981); note-se, porém, que no caso dos povoados de Évora, as carenas não aparecem acompanhadas pelas taças de bordo espessado, associação que esteve na base da definição do Neolítico Final-Calcolítico inicial, a partir dos materiais de Vale Pincel II e Cabeço da Mina (Silva e Soares, 1976-77).

Outra alternativa que, com os dados disponíveis, não podemos afastar completamente, seria a de uma certa contemporaneidade das taças carenadas e das cerâmicas impressas. Esta coexistência deve, naturalmente, ter ocorrido durante um dado período, se admitirmos uma ocupação destes sítios sem solução de continuidade; a cronologia dessa hipotética fase de transição, em que ambos os estilos teriam convivido é, nesta conjuntura, o principal problema em relação ao qual as opiniões se dividem (Carreira e Cardoso, 1994; Carvalho e Zilhão, 1995; Diniz, 1994a; Jorge, 1990, p. 128), na mesma proporção em que as evidências escasseiam (Gonçalves, 1990-91, p. 67).

A insistência na atribuição ao Neolítico Final, *tout court* ou a uma “fase precoce” deste período, da associação taça carenada/cerâmicas impressas, mesmo se estratigraficamente comprovada, o que não parece ser o caso, significa uma fé absoluta no valor cronológico-cultural das carenas, em detrimento do das cerâmicas impressas.

De facto, não se vê que diferença efectiva pode existir entre um “momento precoce” do Neolítico Final e um eventual Neolítico Médio, em que as cerâmicas lisas, de início apenas exclusivas em contextos funerários megalíticos, seriam ainda acompanhadas, no registo artefactual dos povoados, de uma percentagem decrescente de cerâmicas impressas e incisas, considerando que, na transição para o Neolítico Final, as carenas tendiam a tornar-se dominantes.

Note-se que o Neolítico médio que, por comparação com outros contextos do Mediterrâneo ocidental, é suposto corresponder à rarefacção das cerâmicas decoradas do Neolítico antigo, já foi recentemente proposto, sem qualquer discussão, para conjuntos em que aquelas cerâmicas são ainda dominantes (Gomes, 1989, p. 264).

A propósito das cerâmicas decoradas do TESP₃ (Reguengos de Monsaraz), associadas estratigraficamente a uma elevada percentagem de taças carenadas (20%), V. Gonçalves (Gonçalves, 1990-91, p. 67), sublinhando o carácter vestigial das primeiras, propõe duas alternativas para explicar o fenómeno:

1. sobrevivências ou imitações de formas anteriores;
2. perturbações pós-deposicionais, responsáveis pela inclusão de materiais, estratigraficamente desarticulados, em níveis posteriores.

Ambas as explicações se poderiam também aplicar a Papa Uvas, onde, ainda por cima, as decorações têm um maior peso percentual do que em TESP₃. A classificação do famoso povoado onubense como calcolítico, avançada sempre com algumas reservas e alvo de alguma contestação (Delibes e Fernández-Miranda, 1994, p. 174, 175) aparece, neste contexto conceptual, totalmente desfasada, pelo que V. Gonçalves considera uma “primeira fase (...) muito provavelmente derivada no Neolítico Pleno local” (Gonçalves, 1990-91, p. 66).

É certo que a datação obtida no concheiro neolítico do Medo Tojeiro (Silva, Soares e Penalva, 1985), também parece indicar uma perduração tardia das cerâmicas impressas, num contexto economicamente retardatário; porém, é igualmente certo que, neste caso, não ocorrem as taças carenadas, pelo que a discussão se deve centrar eventualmente na validade, sempre relativa, de uma data isolada.

Finalmente, se considerarmos a sequência proposta, com base na escavação do Abrigo da Pena d’Água (Zilhão e Carvalho, 1995), distinguir-se-ia um Neolítico Médio e um Neolítico Final, ambos sem cerâmicas decoradas (com o aparecimento das carenas neste último horizonte) e uma fase de transição Neolítico Antigo-Neolítico Médio, caracterizada pela presença de cerâmicas decoradas com um sulco abaixo do bordo; trata-se de um tipo de decoração muito bem representado em alguns espólios habitacionais da área de Sines e com alguns exemplares em Reguengos de Monsaraz. Nos arredores de Évora, foi apenas recolhido um fragmento no povoado da Oliveira 5, recentemente afectado pelo traçado da autoestrada A6 (Lisboa-Madrid).

Na Valada do Mato, onde foi recolhido mais de meio milhar de artefactos, apenas se registou a presença de uma taça carenada; esta peça, excepcional a vários títulos, parece ilustrar eloquentemente a existência de uma fase de transição entre as cerâmicas impressas e as taças carenadas. Trata-se de uma taça fechada a que falta o bordo, com decoração impressa acima e abaixo da carena e o possível arranque de um apêndice de prensão, ou decoração plástica.

O contexto artefactual em que esta taça ocorreu não integra peças de bordo espessado nem carenas lisas e apresenta uma elevada percentagem de cerâmicas decoradas (80,6%), (entre as quais as impressas representam 45,5%, as incisas 19,6%, as impressas/incisas 1,4% e as cerâmicas com decoração plástica 33,5%).

A reforçar a antiguidade relativa da Valada do Mato, apesar de algumas reservas que serão discutidas mais à frente, saliente-se a presença de um fragmento de cerâmica com decoração cardial.

Note-se que as carenas, cuja importância como elemento de diagnóstico cronológico-cultural começa a ser posta em causa, em contextos do Sudoeste peninsular (Cruz-Auñon, Moreno e Cáceres, 1990, p. 279-280), podem aparecer esporadicamente em associação com materiais do Neolítico Antigo ou do Neolítico Antigo Evolucionado peninsular (Acosta e Pellicer, 1990, p. 143, 11 e 16; López, 1988, p. 80), assim como noutras áreas do Mediterrâneo ocidental (Tanda, 1995, p. 21, Fig. 4, n.º 1); na Catalunha, surgem, com alguma expressão, no Neolítico Médio, nomeadamente no chamado “grupo Montbolo”, crescendo quantitativamente nos espólios dos sepulcros de Fossa, característicos desse marco geográfico (López, 1988, p. 84, 87e 89).

Num dos pequenos núcleos identificados em torno do povoado da Valada do Mato, recolheu-se também um pequeno fragmento, não desenhado, de cerâmica com decoração ondulada, executada a pente, muito semelhante a um outro proveniente do povoado calcolítico da Oliveirinha; a raridade deste tipo de decoração, em termos regionais, não facilita a respectiva integração cronológica e cultural.

Efectivamente, o paralelo mais próximo que encontrei diz respeito ao povoado de La Pijotilla (Hurtado, 1984, Fig. 25, n.º 12, 13, 16 e 17), onde coexistem com outras cerâmicas com decoração impressa, nomeadamente as cardiais, as unguladas, etc., as quais, apesar de interpretadas como calcolíticas, aquele autor considera de raiz neolítica (Hurtado, 1984, p. 360).

Também no Centro e Norte de Portugal, assim como na Meseta espanhola, as decorações penteadas ocorrem, a par de outras técnicas decorativas que aparentam “entroncar, parcialmente, na estilística neolítica da cerâmica das ‘grutas’ do Sul da Península” (Jorge, 1986, p. 23), em contextos indiscutivelmente calcolíticos.

A decoração penteada apareceu, pelo contrário, na gruta de Les Cendres, nos níveis que medeiam entre as cerâmicas decoradas epicardiais e as cerâmicas lisas, as quais, por sua vez, precedem, na sequência estratigráfica desta cavidade valenciana, os níveis do Neolítico Final (Bernabeu, 1988, p. 148-152; Rubio, 1989, p. 21).

Mais próximo de nós, refira-se a ocorrência de uma peça com decoração deste tipo, no povoado ribatejano de Cumes 2 (Lillios, 1991, Fig. 56), num contexto em que se reconheceram igualmente cerâmicas com decoração incisa, uma asa com perfuração vertical e uma carena, o que, à primeira vista, poderia aproximar, cronologicamente, este sítio dos povoados neolíticos de Évora.

Nas proximidades de Cumes 1, verificou-se “uma alta densidade de debitage de sílex à superfície” (Lillios, 1991, p. 91), interpretada como uma oficina de talhe; apesar da eventual ocupação “da Idade do Cobre”, a abundância de sílex e a presença de uma enxó de fibrolito sugerem também uma aproximação entre este sítio e o povoado eborense da Valada do Mato.

Efectivamente, a indústria lítica da Valada do Mato, para a qual não se conhece, até à data, nenhum paralelo expressivo no Alentejo Central, é constituída por uma anormal quantidade de lascas e lamelas de sílex (este material representa 89% da pedra lascada e cerca de 54,4% do total de peças recolhidas); não se registaram micrólitos geométricos e a presença de mós manuais, de pedra polida (um dos raros fragmentos é de fibrolito), assim como de percutores, é apenas vestigial (0,19%, 0,95% e 0,57%, respectivamente).

No povoado da Casbarra, localizado nas imediações dos menires com o mesmo nome, recolheram-se sobretudo cerâmicas impressas, incisas e com decoração plástica, algumas

carenas, um fragmento de peso de tear em forma de crescente e um fragmento de outro, de forma possivelmente rectangular, excepcionalmente espesso.

O crescente, habitualmente associado a espólios calcolíticos, chegou a ser considerado um bom fóssil-director para esta época; porém, a escavação do povoado TESP 3 (Reguengos de Monsaraz) (Gonçalves, 1990/91), com uma elevada percentagem de taças carenadas e a presença, muito discreta (1%) de cerâmicas decoradas, permite recuar o aparecimento destes artefactos, funcionalmente conectados com a tecelagem. O exemplar da Casbarra, bizarro pelo facto de apresentar duas perfurações numa extremidade, pode reforçar essa possível antiguidade ou, pelo contrário, denunciar um episódio tardio na ocupação do local.

Outro artefacto aparentemente desfasado do contexto é o fragmento de vasilha perfurada, do povoado da Carrascosa. Trata-se de peças usualmente interpretadas como cinchos (ou queijeiras) (Gonçalves, 1989a, p. 146) e que, por isso, constituiriam uma das componentes arqueológicas da Revolução dos Produtos Secundários.

Estes artefactos estão bem documentados apenas em ambientes plenamente calcolíticos, pelo que a sua presença na Carrascosa levanta algumas interrogações. No entanto, a forma do fragmento em questão, aparentemente hemisférica, parece-me mais apropriada a uma função como coador do que como instrumento de queijaria (compare-se com o fragmento cilíndrico, integralmente reconstituível, do Cerro do Castelo de Corte João Marques (Gonçalves, 1989a, p. 18, 222). Em todo o caso, assinale-se ainda o paralelo com uma peça listada no povoado de TESP3 (Gonçalves, 1990-91, p. 65), atrás referido, descrito como “cincho esferoidal”.

No povoado da Carrascosa, que ocupou um discreto esporão com grandes blocos arredondados, de quartzodiorito — e em cujas imediações se conhecem dois menires isolados, o menir da Viçosa, descoberto por P. Sarantopoulos e ainda inédito, e o menir da Correia (Pina, 1971), a cerca de 2 km — recolheu-se também um fragmento cuja decoração parece ter sido impressa com o bordo de *Cerastoderma edule*, ligeiramente arrastado.

Na área envolvente do povoado da Valada do Mato, a Noroeste da cidade de Évora, define-se uma paisagem com algumas características muito particulares (Calado e Rocha, 1996), de que se destacam:

- a) a proximidade em relação ao ponto nodal em que convergem os festos das três principais bacias hidrográficas do Sul do país (Tejo, Guadiana e Sado); este aspecto implica um posicionamento muito privilegiado em relação às principais vias naturais de penetração no interior alentejano, as quais, segundo J. Arnaud, que se referia apenas aos cursos de água propriamente ditos, seriam “sugeridas pela distribuição das sepulturas protomegalíticas” (Arnaud, 1982, p. 33);
- b) a presença muito destacada de grandes afloramentos graníticos; a topografia, em contraste com a paisagem muito aplanada dominante na maior parte da faixa Montemor-Évora-Reguengos, apresenta-se relativamente movimentada, com declives pontualmente superiores a 25%. Note-se que o povoado da Valada do Mato se implantou num esporão e numa rechã adjacente que prolongam uma das maiores elevações desta área.
- c) os solos com um potencial agrícola relativamente limitado, particularmente nas áreas mais pedregosas e com declives mais acentuados.

Quanto ao contexto arqueológico, destaca-se a proximidade flagrante em relação aos cromeleques da Portela de Mogos (Pina, 1971) e de Vale Maria do Meio (Calado e Sarantopoulos, 1996), ou ainda ao possível cromeleque da Casbarra (Pina, 1971), todos no limiar da mancha de granitos.

O cromeleque dos Almendres (Pina, 1971), que domina do alto da serra de Montemuro toda a área envolvente, em especial em direcção ao Nascente, localiza-se a uma escassa dezena de quilómetros, sensivelmente a mesma distância que o cromeleque da Pedra Longa (Gonçalves, 1981), este em direcção diametralmente oposta.

Para além destes monumentos, podem ainda referir-se, num raio de cerca de dez quilómetros, a partir da Valada do Mato, os menires de Vale de Cardos, do Monte dos Almendres e das Veladas (Pina, 1971), S. Sebastião da Giesteira (Burgess, 1987), Monte das Flores e Bairro da Casinha Norte (Oliveira e Sarantopoulos, 1994), ou ainda os da Abaneja, Malhada do Esbarrondadouro, Penedo, Fonte do Abade, Fonte Boa do Degebe e Azinhal, este último a menos de 500 m da Valada do Mato (Calado e Sarantopoulos, 1996).

Note-se, por último, que esta justaposição espacial entre os sítios com cerâmicas impressas e os monumentos meníricos tem, como contrapartida, um vazio quase absoluto de sepulturas megalíticas, assim como de povoados atribuíveis ao Neolítico Final-Calcolítico.

8. 1. 2. Os dados da região da serra d'Ossa

As prospecções na região da serra d'Ossa, mesmo nas áreas em que, por razões que acima aponte, os trabalhos foram mais persistentes, resultaram lamentavelmente omissas, ou pouco esclarecedoras, no que diz respeito ao povoamento Neolítico Antigo-Médio.

Na verdade, excluído o corredor Montemor-Évora-Reguengos, praticamente todo o interior alentejano carece, por enquanto, de vestígios claramente atribuíveis à fase inicial da neolitização desta região.

A reconhecida falta de prospecções, ou pelo menos de prospecções bem conduzidas, pode ser a principal causa responsável por essas ausências; esta explicação é tanto mais verosímil quanto sabemos bem que, até há pouco, se ignorava praticamente tudo sobre uma realidade que, pelo menos nos arredores de Évora, apresenta uma intensidade notável.

Uma das raras excepções, por enquanto ainda muito mal caracterizada, parece ser o povoado da Foz do Enxoé (Soares, 1992, p. 293, 305; Diniz, 1994a), aliás, com uma localização muito desgarrada em relação aos restantes sítios conhecidos (Diniz, 1994a, p. 101), em relação aos quais pode mesmo representar uma emanção, pela rota do Guadiana abaixo.

Saliente-se ainda, na óptica que venho defendendo, a recente descoberta de um recinto (?) megalítico, na área de Elvas (Albergaria e Silva, 1995), que, apesar das especificidades morfológicas que apresenta, poderia indiciar uma presença do Neolítico Antigo-Médio naquela área, realidade que os resultados dos trabalhos até agora desenvolvidos, ainda numa fase muito inicial, não permitem afirmar.

8. 1. 2. 1. A cultura material

Na região da serra d'Ossa, foram muito raros os sítios onde se recolheram cerâmicas impressas ou incisadas, ou outros materiais eventualmente integráveis no horizonte cronológico-cultural em apreço. Este aspecto contrasta sobretudo, de uma forma muito evidente, com a realidade observada na área vizinha de Évora e, de uma forma menos marcante, na área de Reguengos de Monsaraz.

Na bacia do Degebe, em plena mancha quartzodiorítica, recolheu-se apenas um exemplar de cerâmica cardial basculante (Pellicer e Acosta, 1985, p. 392) (Estampa 32, n.º 6), num

povoado do Neolítico Final-Calcolítico, o Monte da Ribeira. No capítulo seguinte, discutir-se-á a questão da eventual perduração destas cerâmicas em contextos daquela época, com alguns raros paralelos conhecidos fora da região da serra d'Ossa.

Ainda na bacia do Degebe, no mesmo ambiente geológico em que se insere o Monte da Ribeira, registei alguns sítios que podem corresponder a uma fase precoce do Neolítico regional: um dos mais interessantes é o povoado dos Atalhos, implantado em torno de enormes afloramentos quartzodioríticos.

Os materiais recolhidos são infelizmente pouco eloquentes; destaca-se a presença de um objecto de cerâmica de forma indeterminada, com uma perfuração, cuja espessura o aproxima de outro recolhido no povoado da Casbarra e ainda de um terceiro proveniente do povoado da Oliveirinha; este último sítio de *habitat*, com uma clara ocupação calcolítica, localiza-se igualmente em redor (e no topo) de uma monumental mole quartzodiorítica e, como se viu, recolheram-se aí igualmente alguns raros materiais de tipologia arcaizante.

Com implantações análogas à dos Atalhos, localizei, na mesma área, os povoados das Lajes, do Zambujal e do Carrascal 2, assim como os achados dispersos do Picarrel, todos com materiais escassos e atípicos. No Carrascal 2 destaca-se um conjunto de macroartefactos de quartzo e alguns raros de quartzito, incluindo percutores, e um bordo simples ligeiramente extrovertido, sem decoração, mas com bons paralelos nos povoados neolíticos de Évora, nomeadamente na Carrascosa; é importante anotar, desde já, a proximidade espacial entre este sítio e os menires do Carrascal (Estampa 98).

No Maciço Calcário, num sítio praticamente arrasado pela exploração de pedreiras de mármore, o povoado dos Quintais, recolheu-se apenas um fragmento impresso, mas cujo estado de conservação suscita algumas reservas (Estampa 90, n.º 2). No pouco que resta deste sítio arqueológico, obteve-se ainda um machado de talão picotado e de secção transversal arredondada, seixos de quartzito e alguns bordos pouco característicos.

No povoado Neolítico Final-Calcolítico da Salgada, nas proximidades dos Quintais, recolheu-se um pequeno fragmento de cerâmica impressa com concha, provavelmente *Cerastodoma edule*, igualmente muito mal conservado (Estampa 85, n.º 11), para o qual não foi reconhecido, no volumoso conjunto de materiais recolhidos neste povoado, qualquer contexto convincente.

Ainda no Maciço Calcário, e em estreita conexão espacial com os anteriores, destaca-se o povoado de Bencatel, em que a cerâmica impressa (54,5%), incisa (18,2%) e com decoração plástica (27,3%), apesar de numericamente reduzida, representa 45,8 % do total das cerâmicas classificadas (Estampa 75).

Neste *habitat*, recolheram-se igualmente instrumentos de pedra polida, de anfibólito e com secção arredondada, uma raspadeira de sílex e um elemento de foice, denticulado, que apresenta um possível lustre de cereal no gume. Esta peça, cuja sincronia com o restante material levanta algumas dúvidas, é comparável com outra da Valada do Mato, esta de quartzito; ambas remetem, à partida, para momentos mais tardios, nomeadamente o Calcolítico e a Idade do Bronze (Pavón, 1994, p. 223, 224). Pode tratar-se, num caso e noutro, de achados isolados, correspondentes a povoados mais recentes identificados também nas proximidades de Bencatel e da Valada do Mato, pelo que, de momento, é preferível deixar em aberto esta questão.

Porém, a presença de uma peça, morfologicamente distinta mas também com lustre de cereal, no povoado neolítico antigo de S. Pedro de Canaferrim, permite questionar a suposição de que não tenha havido de todo, nessa época e no território actualmente português, qualquer tipo de actividade agrícola, apesar da ausência dos dados carpológicos (Simões, 1996).

No povoado de Bencatel, embora a amostra cerâmica não seja muito vasta, é de notar que não se detectaram bordos espessados e, quanto às carenas, apenas se recolheu um fragmento, aliás com uma inflexão muito pouco marcada; este aspecto, aliado à evidente filiação estilística das cerâmicas decoradas, nos padrões do Neolítico Antigo, tornam este sítio o caso mais expressivo de uma neolitização precoce na região da serra d'Ossa, mais concretamente no Maciço Calcário.

A pedra lascada, que representa cerca de 30,4% do total de peças classificadas, é constituída, na sua maior parte, por seixos e lascas de quartzito (78,5%) e a pedra polida por instrumentos de secção arredondada. Tal como no povoado eborense da Casbarra, recolheu-se aqui um fragmento mesial de peso de tear em forma de crescente achatado, o qual, mais uma vez, não dispõe do habitual contexto calcolítico e permite, com as devidas precauções, acreditar provisoriamente numa hipotética origem neolítica destes artefactos.

Na bacia da Tera, mais precisamente nos arredores de Pavia, recolheram-se apenas alguns fragmentos dispersos de cerâmica almagrada, no interior de abrigos definidos entre grandes blocos graníticos (Calado e Rocha, 1996; Correia, 1921, p. 100, 101) e, no povoado do Olival, com o mesmo tipo de geologia, registou-se também um fragmento de cerâmica almagrada com decoração incisa (Estampa 94, n.º 14), em associação com cerâmica simplesmente almagrada, alguns percutores e lascas de sílex. O dito fragmento inciso assemelha-se bastante a um outro proveniente de Bencatel, com a diferença que este último foi executado com técnica de *punto en raya* ou de “Boquique” e não conserva vestígios de almagre (Estampa 75, n.º 7).

Finalmente, no povoado do Montinho 1, localizado na bacia do Divor, obteve-se apenas um fragmento, associado a escassa cerâmica lisa, um machado de pedra polida de secção arredondada e percutores; este pequeno núcleo de *habitat*, tendo em conta a proximidade geográfica relativamente à área de Évora (cerca de 10 km da Valada do Mato) deve, naturalmente, relacionar-se com aquela mancha de povoamento neolítico, tanto mais que, pelo meio, se registou ainda outro sítio, os Palheiros, donde provém uma asa tubular de cariz arcaizante.

Novamente no Maciço Calcário, refira-se ainda o povoado da Horta das Nogueiras, que constitui o mais claro exemplar do que poderíamos, nesta Unidade Fisiográfica, designar como Neolítico Final, e que se localiza a meia distância entre Bencatel e a Salgada ou os Quintais; entre os materiais recolhidos, em que estão ausentes as cerâmicas impressas ou incisas, destaca-se um fragmento com mamilo perfurado verticalmente. Este tipo de adjunção apenas ocorre, nos conjuntos aqui estudados, em contextos de cerâmicas decoradas e, por outro lado, tanto os mamilos perfurados como as asas, são uma constante nos espólios do Neolítico Antigo do Sudoeste (Acosta e Pellicer, 1990, p. 46-48; Arribas e Molina, 1979, Fig. 36, 37 e 40; Enríquez, 1986, p. 17; Fernández-Posse, 1980, p. 45; Guilaine e Ferreira, 1970, p. 306-308, 310, 312-314, 316 e 317; Pellicer, 1985, p. 231; Piñon, 1986, p. 50; Piñon e Bueno, 1985, p. 148, 149, 1988, p. 226; Saucedo Pizarro, 1984, Fig. 1; Silva e Soares, 1981, p. 79, 80, 86, 87, 88, 91, 92 e 95; Zilhão, 1992, p. 86).

A propósito deste tipo de artefactos, acrescente-se, no entanto, que, num contexto funerário a que já fiz menção (Gruta do Escoural) e cuja interpretação não deixa de ser problemática, se registou pelo menos um caso que, com base no aspecto da pasta e acabamento superficial, a responsável pelas escavações considera contemporâneo dos materiais do Neolítico Final (Araújo e Lejeune, 1995, p. 63).

A significativa percentagem de seixos e lascas de quartzito (40,1%), e o facto de 85,7% de os instrumentos de pedra polida apresentarem o corpo picotado ou polido e secção transversal arredondada, parece-me igualmente de reter, no que toca à caracterização artefactual da Horta das Nogueiras.

É preciso, desde já, reconhecer que a forma da secção transversal dos instrumentos de pedra polida, cuja análise foi privilegiada neste trabalho, não parece ter implicações unívocas, em termos cronológico-culturais. De facto, apesar da convicção expressa, nesse sentido, por alguns autores (Leisner e Leisner, 1943, p. 398, 1951, p. 19, 53; Moita, 1956, p. 170), é imprescindível matizar o valor destes artefactos enquanto indicadores directos de cronologias relativas.

No contexto geográfico de que este trabalho se ocupa, observou-se que “o machado de secção circular/oval incompletamente polido, parece ser o mais arcaico, embora se tenha prolongado até aos alvares do Calcolítico” (Soares e Silva, 1976-77, p. 134); também J. Arnaud, apesar de nos povoados de Famão e Aboboreira terem sido recolhidos apenas instrumentos de pedra polida de secção transversal poligonal, pôs em dúvida a opinião tradicional, admitindo, para certas regiões, a coexistência de ambos os tipos de secção transversal (arredondada e poligonal) (Arnaud, 1971, p. 217).

No entanto, é indiscutível a exclusividade ou, no mínimo, a clara dominância da secção transversal arredondada nos contextos genericamente atribuídos ao Neolítico Antigo, ou de tradição antiga (Acosta e Pellicer, 1990, p. 33; Arribas e Molina, 1977, p. 394; Baldellou et al., 1989, p. 155-160; Martí, 1990, p. 166; Navarrete, 1976, II, Est. CCXVI; Piñon e Bueno, 1988, p. 230; Silva e Soares, 1981, p. 74, 76, assim como nos espólios dos monumentos proto-megalíticos (Arnaud, 1982, p. 30; Piñon, 1986, p. 103); a partir do Calcolítico, esse tipo de secção torna-se vestigial ou desaparece completamente.

Por último, deve salientar-se, ainda, que a pedra polida, tal como as mós, são artefactos estatisticamente irrelevantes na maior parte dos espólios do Neolítico Antigo português e andaluz, fenómeno cuja explicação se tem procurado radicar na incipiência ou mesmo na ausência de actividades agrícolas naquela época (Acosta e Pellicer, 1990, p. 33; Arnaud, 1982, p. 35, 1990, p. 441; Diniz, 1994a, p. 113; Gonçalves, 1989b, p. 23; González et al., 1988, p. 91; Silva e Soares, 1981, p. 90); nas fases seguintes, os mesmos artefactos vão adquirindo uma representatividade crescente, naturalmente em consonância com uma paulatina intensificação da economia agrícola (Silva e Soares, 1981, p. 96).

8. 1. 2. 2. Povoados, santuários e necrópoles

A existência, no Alentejo Central, de santuários relacionados com o povoamento do Neolítico Antigo-Médio pode, actualmente, conceber-se em torno de dois temas de grande transcendência arqueológica e que apresentam alguns aspectos em comum: por um lado, uma parte dos cromeleques e menires e, por outro, alguns “santuários” rupestres.

Quanto à arquitectura menírica, cuja génese e, eventualmente, apogeu, parecem intrinsecamente ligados às fases mais antigas da neolitização do *hinterland* alentejano, é notável o seu entrosamento, quando não mesmo a sobreposição, com alguns sítios de *habitat*.

Esta indiscriminação entre o espaço profano e o espaço sagrado é passível de diversas leituras, dependentes, em última análise, da afinação da posição cronológica de cada um deles e do significado funcional dos “santuários”, entre outros aspectos de tipo *emic*, cujo acesso nos parece, por ora, hermeticamente vedado.

Porém, somos forçados a admitir, com base na pobreza dos dados conhecidos, a hipótese de uma diacronia na fundação dos cromeleques e dos povoados que lhes estão espacialmente associados; as questões técnicas implicadas na construção destes recintos exigem, em princípio, a disponibilidade de mão de obra abundante, bem organizada e instalada na área, o que tornaria a fundação dos primeiros povoados necessariamente anterior.

Mesmo assim, embora contrariando uma racionalidade a que as “superestruturas” religiosas nem sempre se acomodam, podemos deixar em aberto a hipótese alternativa de os primeiros grandes monumentos megalíticos terem sido erguidos por populações ainda não instaladas no território e provenientes dos possíveis alfores da neolitização do Alentejo Central, tradicionalmente localizados nos estuários do Tejo e do Sado.

Note-se que as distâncias envolvidas raramente ultrapassam um dia de marcha, para mais contando com condições de transitabilidade particularmente favoráveis.

A construção dos cromeleques podia, embora me pareça uma hipótese longínqua, explicar-se pela deslocação temporária, provavelmente no âmbito de um calendário ritual, dos segmentos mais activos das populações dos concheiros. Esses grupos poderiam estar envolvidos num esforço colectivo cuja motivação mais imediata se teria, em qualquer caso, que buscar num novo complexo magico-religioso emergente, relacionado com novas formas de exploração dos recursos e de ocupação do espaço e mesmo com modelos renovados de organização social e política.

O facto de o “corredor” megalítico de Montemor-Évora-Reguengos ser quase perfeitamente equidistante em relação aos concheiros do Tejo e do Sado (Calado e Rocha, 1996, Fig. 3) sugere algumas considerações: em primeiro lugar, creio que é relativamente pacífica a ideia, avalizada pelos restos faunísticos de ambos conjuntos (Arnaud, 1987, p. 60), da deslocação regular ou ocasional dos caçadores-recolectores mesolíticos em expedições de caça, mais ou menos afastadas da base, pelo *hinterland* alentejano.

Sendo certo que não dispomos de dados para caracterizar o tipo de relações entre ambos grupos, é legítimo supor a existência de uma fronteira, ou de uma “terra de ninguém”, mais ou menos definida, entre os respectivos territórios de caça e recollecção.

Nessa fronteira que, pelo método dos *polígonos de Thiessen*, coincidiria bastante bem com o festo principal entre as duas bacias hidrográficas, podem ter-se desenrolado processos de cooperação ou de competição eventualmente responsáveis pela génese da arquitectura menírica.

Ressalvadas as distâncias e as diferenças, note-se que, em Inglaterra, as *causwayed enclosures* parecem demarcar também “os limites de sistemas de povoamento”, podendo, entre outras funções e significados possíveis, ter servido como “centros de redistribuição” ou de intercâmbio (Thomas, 1991, p. 33).

Se se admitir a participação ou a responsabilidade das populações mesolíticas (que, como sabemos, não parecem ter chegado a adoptar, nos territórios de origem, uma verdadeira economia produtora), na efectiva neolitização do interior, não deixa de ser interessante verificar que esse fenómeno se teria centrado precisamente naquela fronteira, invertendo completamente a relação centro-periferia preexistente.

Na perspectiva inversa, se se puder pôr de lado qualquer relação genética entre as duas realidades, a comprovada sobrevivência de alguns dos concheiros até momentos muito avançados pode ter determinado a instalação dos colonizadores neolíticos do Alentejo, provenientes de qualquer uma das origens alternativas, nos limites dos teóricos territórios de influência dos caçadores-recolectores do Tejo e do Sado.

Esta opção inscrever-se-ia numa estratégia de colonização “*low profile*”, privilegiando um modelo de não interferência territorial com os grupos tradicionais. De facto, em algumas regiões europeias parecem ter sido ocupadas preferentemente as áreas marginais em relação ao povoamento e à economia mesolíticos, como aliás já se propôs também em relação à neolitização da Estremadura (Zilhão, 1992, p. 157).

Outra questão, menos especulativa, diz respeito à continuidade ritual dos cromeleques em épocas posteriores à sua concepção e edificação. A perenidade da geografia sagrada, atra-

vessando, por vezes, contextos religiosos muito díspares, explica perfeitamente a sobreposição de níveis do Neolítico Final-Calcolítico e talvez mesmo posteriores, em alguns recintos megalíticos e talvez também a gravação de covinhas em muitos dos menires tombados (Gomes, 1989, p. 259, 264).

O mesmo tipo de fenómeno pode, segundo creio, justificar a associação espacial de algumas antas e menires, dos quais o caso melhor estudado é, entre nós, a anta da Granja de S. Pedro (Almeida e Ferreira, 1971); as sepulturas megalíticas teriam sido implantadas em função dos menires preexistentes, do mesmo modo que, noutros contextos (De Laet, 1982, p. 71-72, 95; Le Roux, 1984, p. III, II2, 1995, p. 75; Briard et al., 1989, p. 35), se utilizaram (ou inutilizaram) menires ou menires intencionalmente fragmentados na construção de sepulturas colectivas megalíticas.

Nada obsta, no entanto, a que alguns menires e mesmo alguns cromeleques tenham sido edificadas em momentos mais tardios. Em relação à fase terminal deste fenómeno, que pode ter tido acentuadas *nuanças* regionais, os dados disponíveis parecem-me bastante mais ambíguos do que em relação ao respectivo arranque e, mesmo esse, permite, como se viu, ainda várias leituras.

O outro tipo de santuário(s) cuja génese poderia, segundo alguns autores (Baptista, 1981, p. 49; Jorge, 1990, p. 110; Diniz, 1994a, p. 108), integrar-se nesta fase, encontramos bem representado na Arte Rupestre do Vale do Tejo.

A ausência de contextos habitacionais e funerários, apesar de os trabalhos de prospecção terem atingido, nesta área, um notável desenvolvimento (Caninas e Henriques, 1987), poderia dever-se, segundo Mariana Diniz, a um fenómeno de heterotopia (Diniz, 1994a, p. 108); este distanciamento intencional entre o santuário e os povoados, poderia, aliás, justificar igualmente a hipótese, que atrás se esboçou, de a construção dos primeiros recintos megalíticos do Alentejo Central ter sido anterior à instalação dos mais antigos povoados.

Por outro lado, se admitirmos que os testemunhos mais antigos da Arte do Vale do Tejo remontam ao Neolítico Antigo, talvez seja igualmente útil rever a cronologia proposta para os abrigos pintados da Esperança (Arronches).

A longa diacronia proposta por M. V. Gomes para os painéis descobertos nestas lapas quartzíticas, com áreas de *habitat* associadas, arrancaria no Neolítico Final-Calcolítico e teria um derradeiro episódio já nos finais da Idade do Bronze. A presença de cerâmica campaniforme confirma artefactualmente uma fase do Calcolítico Final, enquanto a Idade do Bronze (período III) se justificaria pela interpretação de alguns motivos pintados (Gomes, 1989, p. 235).

Porém, de entre os materiais provenientes do povoado dos Louções, anexo a um dos abrigos, destaca-se um fragmento cerâmico, cuja integração no Neolítico Final — Calcolítico Inicial merece, à partida, algumas reservas; trata-se de “uma pega mamilar, perfurada verticalmente, e séries de incisões paralelas e profundas, em seu redor” (Gomes, 1989, p. 232).

Como se defendeu noutro lugar, os mamilos perfurados e as asas são quase exclusivos de contextos anteriores à cronologia proposta. As incisões paralelas ou divergentes, arrancando da base dos mamilos ou das asas, são também, por outro lado, uma constante nos espólios do Neolítico Antigo centro-alentejano e não só. O mesmo acontece, sem dúvida, com as lascas, as lamelas, o núcleo de sílex e até mesmo com o machado de fibrolito, entre o material lítico.

A presença de uma carena e dos bordos espessados pode inserir-se naturalmente numa continuidade de ocupação, eventualmente confirmada na referida sobreposição dos estilos.

Note-se que todos estes materiais provêm de recolhas superficiais e que a atribuição cronológica do povoado se escorou igualmente no respectivo tipo de estratégia de implantação (Gomes, 1989, p. 229). Pelo que parece, para além do facto de os sítios de cumeada não serem exclusivos do Neolítico Final-Calcolítico, a implantação do povoado deve ser, antes de mais, subsidiária da localização do santuário, sendo que esta, por sua vez, se relaciona com a existência de abrigos naturais nas cristas quartzíticas. A opção por um local aparentemente estratégico poderia, neste caso, explicar-se por razões completamente distintas.

Um paralelo interessante e relativamente próximo pode observar-se num dos raros arqueossítios da província de Badajoz em que se recolheram cerâmicas decoradas de feição arcaizante: a Cueva de la Charneca (Oliva de Mérida); a gruta abre-se num afloramento quartzítico, junto ao qual se localiza um pequeno abrigo com “diversas figuras pintadas de tipo esquemático”, havendo ainda outras identificadas na vertente Norte da serra da Oliva (Navascués, 1986, p. 9).

Na região da serra d’Ossa, os únicos testemunhos de arte rupestre conhecidos são quase exclusivamente as pedras com covinhas, cuja cronologia, na maior parte dos casos, parece não ser anterior ao Neolítico Final-Calcolítico, como será discutido no capítulo seguinte.

Por outro lado, nesta área de estudo, a arquitectura menírica limita-se ao conjunto dos quatro monólitos do Carrascal (440. 21), de dimensões relativamente modestas, que podem ter originalmente integrado um pequeno cromeleque ou, com mais verosimilhança, uma espécie de alinhamento.

Finalmente, desconhecem-se absolutamente os locais e os rituais de enterramento do Neolítico Antigo-Médio. Na bacia do Degebe, paisagisticamente indissociável, embora arqueologicamente um tanto periférica em relação ao eixo Montemor-Évora-Reguengos, é tentador considerar a hipótese de os abrigos naturais formados por caos de blocos graníticos terem, numa fase antiga, desempenhado essa função.

Outro tanto se pode afirmar em relação aos arredores de Pavia, na bacia da Tera, em que os abrigos nos afloramentos graníticos são ainda mais frequentes, favorecidos por um tipo muito característico de fenómenos erosivos.

No Maciço Calcário de Estremoz, onde o povoamento desta época se identificou com mais clareza, não deixaremos de referir a existência de pequenas grutas e algares que, teoricamente, poderiam ter sido usadas como necrópoles; essas cavidades, relacionadas com uma carsificação pouco desenvolvida, têm sido sistematicamente destruídas pela exploração dos mármore, não se conhecendo até agora, quaisquer vestígios que confirmem uma suposta utilização funerária ou de qualquer outro tipo.

Também a inexistência de menires, nos arredores do povoado de Bencatel, se pode dever a uma forte intervenção antrópica sobre a geologia local; no caso de blocos soltos, como seriam o menires, a responsabilidade pode ser atribuída principalmente à indústria tradicional de fabrico de cal, cuja actividade ainda hoje é importante na aldeia do Barro Branco enquanto, um pouco por todo o Maciço, se encontram ruínas de fornos destinados a essa actividade.

8. 1. 2. 3. Povoamento, territórios e recursos naturais

No que diz respeito à “colonização” da bacia do Degebe, no troço superior directamente relacionável com a serra d’Ossa, os testemunhos mais antigos permanecem ainda, como vimos, muito dúbios; mesmo assim, é de supôr uma ligação aos núcleos de Évora e

Reguengos, considerada a excelente transitabilidade da região, a integração numa mesma entidade paisagística (em termos geológicos, pedológicos e hidrográficos) e até o facto, que pode ser significativo, de o fenómeno menérico ter alastrado, embora muito frouxamente, até esta área.

Na bacia do Lucefece identifiquei, há alguns anos, um núcleo megalítico de aparente feição arcaizante, que poderia hipoteticamente corresponder à fase mais antiga do megalitismo dolménico na região da serra d'Ossa.

Trata-se da necrópole do Lucas (Alandroal) (Calado, 1994), composta por cerca de dezena e meia de pequenos monumentos de xisto, com mamoadas estruturadas com blocos de quartzo, hoje quase todos muito mal conservados. A anta 1, onde efectuei uma escavação de salvamento (Calado, 1994), compõe-se de câmara e corredor pouco diferenciados e, tendo em conta as dimensões do monumento, a evidente inutilidade funcional do corredor e o espólio recolhido (dois instrumentos de pedra polida de secção transversal arredondada, uma lasca de sílex, uma conta de colar discoidal de xisto e um fragmento de cerâmica manual), podemos admitir, provisoriamente, que correspondeu a um enterramento singular.

Na área envolvente, prospectada exaustivamente, não se registou nenhum povoado, traduzido em concentrações notórias de materiais superficiais; em contrapartida, recolheram-se, um pouco por toda a área, achados dispersos que incluem machados de secção transversal arredondada, percutores de quartzo, seixos de quartzito, sílex e elementos de mó.

O contexto geográfico das antas do Lucas é particularmente impróprio, em termos agrícolas, pelo que a necrópole podia corresponder a grupos economicamente especializados na pastorícia, com uma mobilidade que justificasse a própria inconsistência dos vestígios habitacionais.

Este conjunto apresenta, por outro lado, uma semelhança flagrante com o megalitismo da parte Norte da Bacia do Sever, igualmente muito pobre em termos agrícolas.

Num estudo recente sobre o fenómeno megalítico dessa área, os pequenos monumentos de xisto foram considerados contemporâneos dos monumentos de maior porte, com espólios muito mais complexos e instalados nas áreas graníticas adjacentes; as diferenças entre os dois grupos foram atribuídas a factores de ordem económica, relacionados com as profundas diferenças ambientais entre as duas áreas (Oliveira, 1995), o que, com os dados actualmente disponíveis, não exclui, como se discutirá mais adiante, a possibilidade de uma eventual *décalage* cronológica.

Nas margens do Guadiana, tanto na bacia da Asseca, como na do Lucefece, não foram detectados quaisquer vestígios atribuíveis ao Neolítico Antigo-Médio, ao contrário do que seria de esperar, em função da contiguidade espacial, através do Guadiana, com a área de Reguengos de Monsaraz e das prospecções intensas desencadeadas no âmbito do Projecto Arqueológico do Alqueva e da Carta Arqueológica do Alandroal (Calado, 1993a).

A questão fundamental, para cuja solução não possuímos elementos decisivos, prende-se com os materiais languedocenses que formam um depósito quase contínuo, ao longo da margem direita do Guadiana.

Creio que, como se defendeu recentemente (Silva, 1994), com a informação disponível, estes vestígios não são ainda passíveis de uma atribuição cronológica segura. De facto, os materiais languedocenses aparecem-nos, nalguns sítios, associados a espólios genericamente enquadráveis no Neolítico Final-Calcolítico; na maior parte dos casos, porém, os mesmos conjuntos carecem de qualquer associação artefactual significativa, a não ser os percutores ou os elementos de mós manuais que, mais uma vez, parecem legitimar uma cronologia avançada, dentro da sequência regionalmente documentada.

As prospeções sistemáticas levadas a cabo na área do Monte do Charqueirão, próximo de Juromenha, tiveram como objectivo a obtenção de dados sobre a extensão dos “sítios” languedocenses, o padrão de dispersão dos artefactos e a eventual associação com materiais cronologicamente melhor caracterizados. Foi feita prospecção “em pente”, com a equidistância entre os elementos da equipa facilitada pelas fiadas de oliveiras.

A área total a prospectar foi dividida em três sectores, separados por uma estrada de terra batida (sectores A e B) e por uma linha de água (sectores B e C). A posição dos materiais recolhidos foi, finalmente, registada numa planta esquemática em que se representou a quadrícula do olival, com unidades de 9 m de lado (Figs. 5, 6 e 7).

Os resultados obtidos permitem verificar a existência de uma mancha mais densa na dispersão dos artefactos, definida longitudinalmente nos Sectores A e B e coincidente com um talvegue de escassa entidade, subsidiário da margem esquerda da ribeira de Mures. Do mesmo modo, no Sector C, observa-se uma certa concentração de materiais junto da linha de água que o delimita e que, por sua vez, desagua directamente no Guadiana.

As mós manuais e os percutores dispersam-se um pouco por toda a área, de acordo com um padrão semelhante ao dos restantes materiais. Por outro lado, o único objecto de sílex, um núcleo de lamelas, bastante exausto, insere-se igualmente na faixa com maior densidade de materiais (Estampa 60, n.º 1). Os materiais languedocenses inventariados (116 peças), distribuem-se de um modo muito equilibrado entre os artefactos sobre bloco (52%) e os artefactos sobre lasca (48%); entre os primeiros, sobressaem os seixos afeição-ados unifaciais (cerca de 40%), logo seguidos dos seixos afeição-ados bifaciais (25%); registaram-se ainda os picos (8%), os núcleos poliédricos (10%) e os núcleos para extracção de lascas iniciais (4%).

Nota-se a ausência de pesos de rede e, sobretudo, dos discos, que se encontram com alguma frequência nos povoados calcolíticos do Guadiana. De entre as lascas, a maior parte (48%) são lascas trabalhadas, algumas com retoque nos gumes, a que se seguem as lascas de descorticagem (31%) e as lascas iniciais (21%).

As concentrações de achados nos talvegues deve ser interpretada com muitas reservas, uma vez que pode traduzir, pura e simplesmente, a acção de fenómenos pós-deposicionais, nomeadamente o arrasto dos materiais para as cotas mais baixas. No entanto, podemos estar efectivamente em presença de áreas de ocupação preferencial em que os artefactos tendessem, por isso mesmo, a ser descartados com maior frequência.

Tendo em conta a ausência de informação estratigráfica, ambas as hipóteses parecem adequadas para explicar a maior densidade de artefactos languedocenses nas áreas deprimidas, em comparação com os cabeços; note-se que esta tendência foi confirmada, com alguma nitidez, através de prospeções menos exaustivas efectuadas noutras áreas dos arredores do Monte do Charqueirão, com condições sedimentológicas e paisagísticas análogas.

Em termos cronológicos, os materiais que aqui aparecem associados às indústrias macrolíticas sobre seixos de quartzito, nomeadamente as mós e os percutores, parecem apontar, como atrás se afirmou, em termos gerais, para o Neolítico ou o Calcolítico; por outro lado, o núcleo de lamelas, não desmentindo essa proposta, introduz uma nota de cariz arcaizante dentro daquele leque cronológico.

Nada garante, contudo, que os materiais recolhidos sejam contemporâneos; é claro que as associações superficiais deste tipo podem perfeitamente corresponder a um palimpsesto formado em momentos distintos ou continuamente ao longo de uma ampla diacronia, conforme, aliás, já se sugeriu para conjuntos semelhantes (Raposo, 1994, p. 59).

O Maciço Calcário ou, mais concretamente, o patamar que o delimita, apresenta, conforme fiz notar, uma série de características altamente favoráveis à fixação de grupos huma-

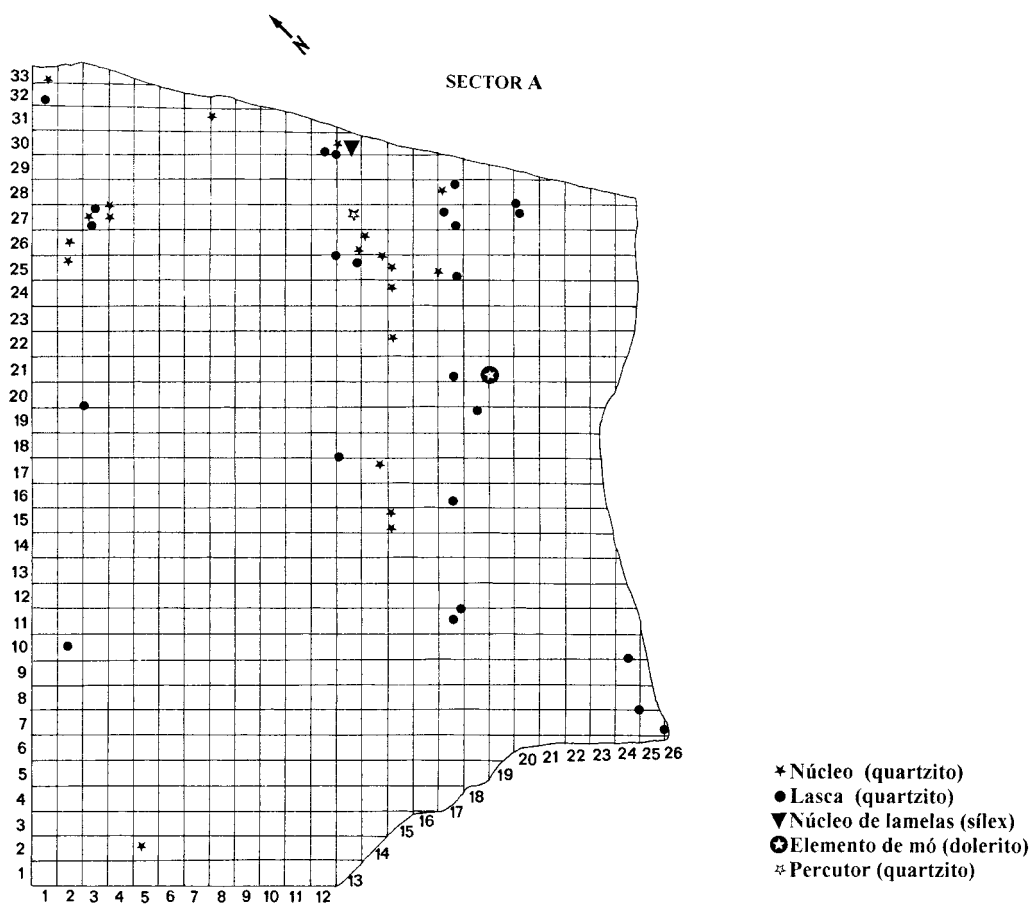
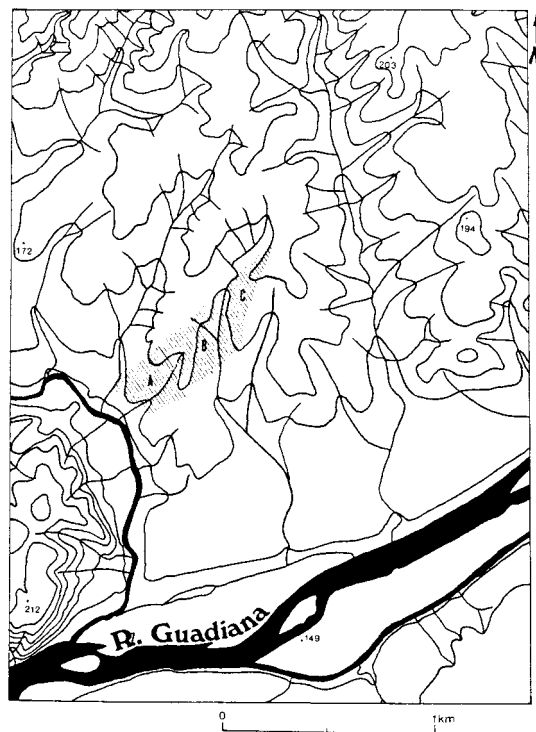


FIG. 5 – Monte do Charqueirão. a: Implantação da área prospectada (Sectores A, B, e C). b: Distribuição espacial dos artefactos recolhidos (Sector A).

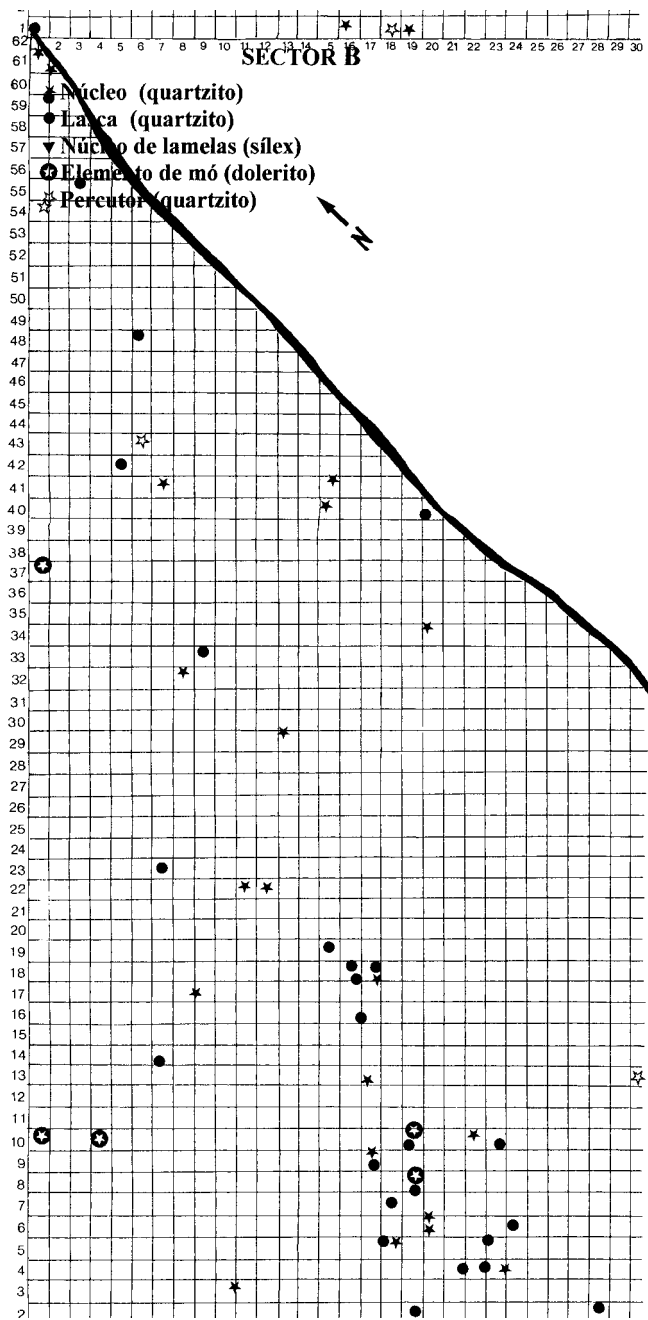


FIG. 6 – Distribuição espacial dos artefactos recolhidos (Sector B).

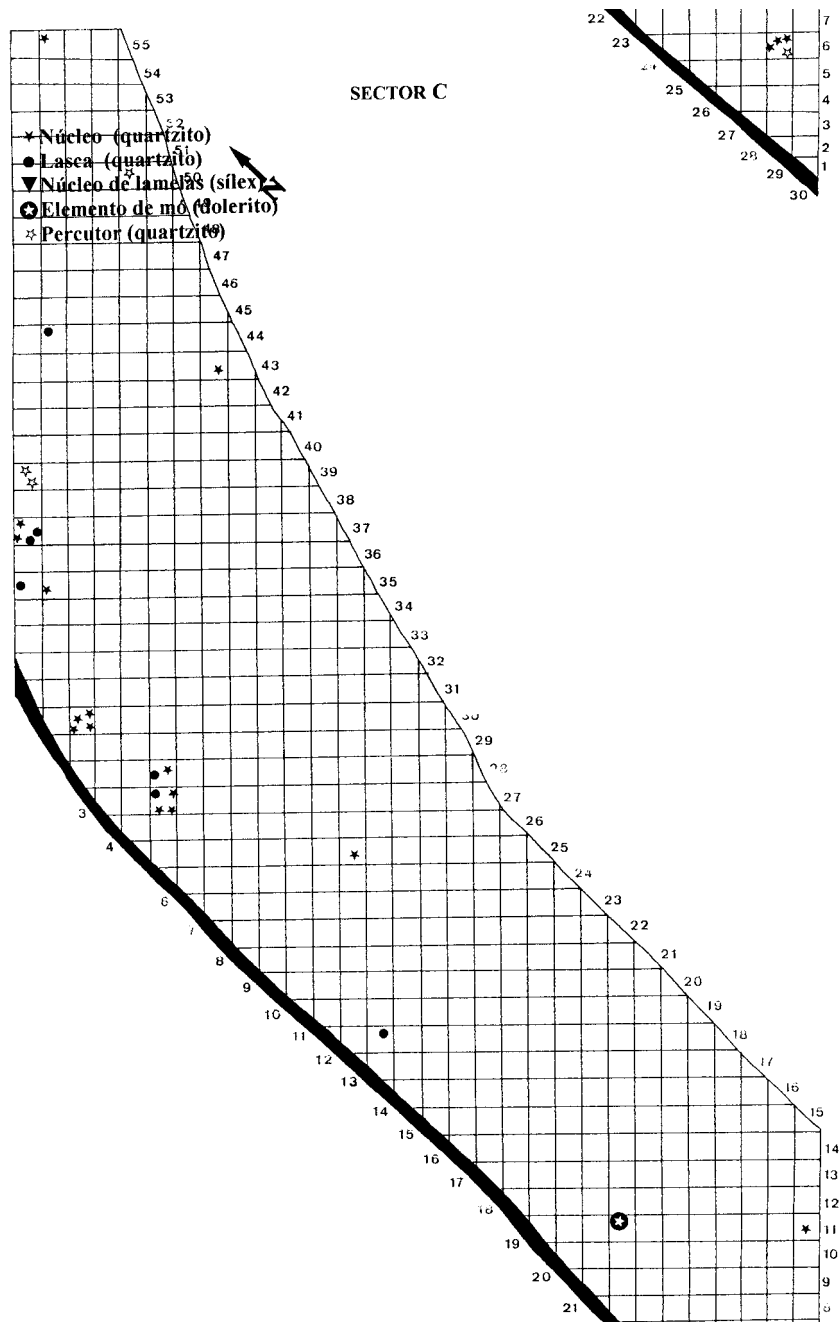


FIG. 7 – Distribuição espacial dos artefactos recolhidos (Sector C).

nos; efectivamente, na mesma área em que se implantam os povoados de Bencatel, Horta das Nogueiras e Quintais, localiza-se um outro povoado calcolítico (a Vigária, adjacente à Horta das Nogueiras), um povoado do Bronze final, com possível ocupação anterior (o Mouro), um povoado da I Idade do Ferro (o Castelão das Nogueiras, 300 m a jusante da Horta das Nogueiras) e, sobreposta ao próprio povoado da Horta das Nogueiras, uma grande *villa* romana. Cerca de um quilómetro a jusante do povoado de Bencatel conhece-se igualmente a *villa* romana da Galharda (Espanca, 1983; Alarcão, 1988, p. 157).

O povoamento pré-histórico aparece-nos aqui, um pouco à maneira dos Chãos de Sines, como uma sequência quase ininterrupta, cujo elo inicial parece ser o povoado de Bencatel (440. 11), seguido dos dos Quintais (426. 14) e da Horta das Nogueiras (440. 9).

Bencatel destaca-se do resto do povoamento pré-histórico regional, pela extensão da área ocupada, o que, como se sabe, é um traço recorrente no povoamento de ar livre do Neolítico antigo.

Identificou-se também uma série de achados dispersos nas áreas imediatas, eventualmente relacionados com a intensa actividade agrícola que, como veremos, se deve ter prolongado pelas épocas subsequentes.

A enxada do Convento da Luz (426. 15) e as lascas de sílex de Travassos (426. 16), por exemplo, integram-se possivelmente nesta época, o mesmo sucedendo com outros sítios, um pouco mais afastados mas ainda no patamar do Maciço Calcário, em que foram encontrados machados de secção transversal arredondada e talão picotado (Boiças, Sobreira 2 e Alegria).

As estratégias de implantação diferem, no entanto, do já referido modelo, construído a partir dos clássicos povoados de Sines; Bencatel, com materiais mais arcaizantes, goza de uma posição dominante sobre o patamar e todo o vale do Lucefece, se bem que a defensabilidade seja apenas importante dos lados meridional e ocidental: com efeito, o cabeço apresenta, nos outros quadrantes, um declive pouco acentuado. Uma situação semelhante se observa no povoado dos Quintais, em que o acesso se encontra muito facilitado pelo lado Norte.

Trata-se de implantações em que, se não a defensabilidade, pelo menos a visibilidade parece ter sido um factor determinante; o povoado das Boiças, mal caracterizado artefactualmente, mas sem dúvida de feição neolítica, repete, de algum modo, a mesma lógica de implantação na paisagem.

Na Horta das Nogueiras, em que a defensabilidade natural foi claramente negligenciada, parece, pelo contrário, desenhar-se uma estratégia completamente diversa. Tal como na Salgada, o povoado localiza-se próximo das nascentes que descarregam a rede cársica do Maciço Calcário e em cima dos melhores solos cultiváveis da área (cerca de 90%, no raio de 1 km).

A maior percentagem de mós e de instrumentos de pedra polida são concertiza indicadores de um incremento da importância da economia agrícola em perfeita concordância com o novo modelo de implantação.

Este processo pode, por hipótese, estar na origem do abandono de Bencatel (e talvez dos Quintais e das Boiças), a favor da Horta das Nogueiras e simultaneamente (ou subsequentemente), da Salgada.

A implantação dos povoados que considero os mais antigos poderia, nesta óptica, traduzir uma maior importância do pastoreio e talvez mesmo da caça, em detrimento da agricultura, uma vez que se acantonam no limiar das áreas de piores solos do Maciço, muito pedregosas, mas muito aptas para o pastoreio de caprinos e igualmente muito ricas, em termos cinegéticos.

Um comentário semelhante poderia ser feito, por exemplo, em relação ao povoamento neolítico dos arredores de Évora que, tanto quanto sabemos, é mais denso em áreas relativamente pedregosas, actualmente muito fartas em caça e a alguma distância dos melhores solos agrícolas.

É interessante que, em ambas as áreas, subsistem hoje pequenas manchas de vegetação arbustiva, típica do *maquis* mediterrânico, eventualmente como testemunhos de uma menor intervenção antrópica sobre os solos, compreensível por estes nunca terem podido ser agricultados.

A articulação do povoamento neolítico do Maciço Calcário com outras áreas geográficas é, neste momento, extremamente difícil, sendo provável que a identificação futura de pontos intermédios lance alguma luz sobre a questão.

Este núcleo parece, em todo o caso, excêntrico em relação ao corredor Montemor-Évora-Reguengos, do qual se distingue, em especial, pela especificidade paisagística e pela ausência de megalitismo; esta lacuna pode, naturalmente, como se viu, dever-se à intensa actividade humana que os testemunhos arqueológicos, de todas as épocas, deixam supôr, e particularmente à exploração dos calcários, conhecida na região, sem hiatos aparentes, a partir da época romana.

Podemos, mesmo assim, pensar numa ligação aos povoados de Évora através do festo principal Tejo-Guadiana, embora a serra d'Ossa pareça um obstáculo a considerar. O Padre J. Espanca escreveu, talvez exageradamente, que “vir de Évora a Estremoz ou Vila Viçosa era difícilimo, por se meter de permeio a grande serra d'Ossa, que não tinha estrada nem carreira” (Espanca, 1983, II, 26).

Por outro lado, o contacto com a área de Reguengos de Monsaraz era viável, mas não sem dificuldades, através do Guadiana e do Lucefece, como vias fluviais, ou pelo festo Lucefece-Azevel e Lucefece-Degebe até ao sopé da serra d'Ossa, por exemplo; note-se que Monsaraz é claramente visível de toda a área do patamar.

A outra alternativa ainda a considerar seria o relacionamento com o povoamento de Pavia, através da ribeira de Tera. Não devemos, finalmente, afastar, por enquanto, a hipótese de a neolitização do Maciço Calcário corresponder a uma deslocação de populações a partir de focos mais longínquos (eventualmente o litoral ou os estuários do Sado ou do Tejo ou ainda, pelas vias do interior (Berrocal, 1992, p. 255), a partir da Andaluzia (Diniz, 1994a, p. 148).

O Neolítico Antigo-Médio da bacia da Tera, de que se conhecem apenas indícios nos arredores de Pavia, manifesta-se, segundo creio, pela existência de dois cromeleques e um menir (Zbyszewski et al., 1977), já fora da área abrangida neste trabalho, e pelo recém descoberto menir da Caeira (Estampa 102, n.º 1) (Calado e Rocha, 1996).

A paisagem desta área divide-se, sobretudo, entre as franjas da bacia detrítica do Tejo e uma mancha de granitos com continuidade por Santana do Campo (Arraiolos) e pelo Lavre (Montemor-o-Novo).

Os vestígios de *habitat* foram, até agora, identificados sempre em articulação com abrigos naturais definidos entre grandes afloramentos graníticos; para além do Olival e dos achados dispersos nas imediações, destaca-se o povoado do Touro (424. 2), que não ofereceu materiais suficientemente esclarecedores, mas cuja inserção paisagística é do mesmo tipo da do anterior.

Pavia parece, com os dados actualmente disponíveis, uma manifestação periférica do processo que deu origem, no eixo Montemor-Évora-Reguengos, à construção dos grandes cromeleques. Os exemplares de Pavia são de dimensões bastante mais modestas e o povoamento neolítico até agora identificado manifesta, particularmente em relação à área de Évora, uma extensão e uma intensidade muito menores.

Se atendermos às vias tradicionalmente propostas para a neolitização do interior alentejano, a origem do grupo de Pavia deveria procurar-se, naturalmente, no estuário do Tejo (Arnaud, 1981, p. 32, 33); pelo contrário, o povoamento neolítico de Évora, assim como a maioria dos recintos megalíticos, apresenta uma nítida vinculação à bacia do Sado, muito embora todo o conjunto se localize nas proximidades do festo entre essa bacia hidrográfica e a do Tejo.

Os cromeleques de Évora e de Pavia, para além das dimensões, apresentam diferenças quanto à forma de implantação na paisagem e outras decorrentes dos próprios substratos geológicos; no entanto, o modelo arquitectónico e o modo como os monumentos se relacionam espacialmente, permitem integrá-los no mesmo universo simbólico, a que devem corresponder realidades económico-sociais e culturais, até certo ponto análogas (Calado e Rocha, 1996).

Nas restantes Unidades Fisiográficas nada permite supôr uma ocupação anterior à eclosão do megalitismo funerário, fenómeno cujas manifestações mais antigas, a julgar por algumas datações discutíveis, podemos atribuir, provisoriamente, ao Neolítico Médio.

Convém sublinhar que os povoados da Fábrica da Portucel, da Quinta da Fidalga (e dos Gorginos), alegadamente contemporâneos desta fase, no território de Reguengos de Monsaraz, não têm, até agora, paralelos claros na região da serra d'Ossa.

8. 2. Neolítico Final-Calcolítico

8. 2. 1. Os casos da Vidigueira e Reguengos de Monsaraz.

Nos últimos anos, assistimos a uma multiplicação exponencial do número de povoados do Neolítico Final-Calcolítico, conhecidos no Alentejo Interior. Vidigueira e Reguengos de Monsaraz, foram os dois concelhos, relativamente próximos da região da serra d'Ossa, em que esse incremento foi mais notório.

No primeiro caso, o conhecimento sobre a pré-história local resumia-se praticamente, até 1987, a um número muito limitado de monumentos megalíticos.

As prospecções, desenvolvidas ao longo de 1987, abrangeram apenas a parte Norte e Oriental do concelho da Vidigueira e pontualmente o Sul do concelho de Portel, e permitiram descobrir um número bastante significativo de povoados e achados dispersos, entre os quais alguns sítios de grande importância no contexto do Sul de Portugal (Gonçalves e Calado, 1988; Gonçalves, 1989a, p. 372-383).

As escavações iniciadas em dois destes povoados — Mangancha (Gonçalves, 1994, p. 109-110) e Sala n.º 1 (Gonçalves, 1987, p. 7-16) — trouxeram alguma informação fundamental sobre a cultura material, a cronologia e as estratégias de povoamento que caracterizam aquele conjunto.

Neste último aspecto, Victor Gonçalves classificou os povoados do Neolítico Final-Calcolítico da Vidigueira em cinco “módulos”: sítios de cumeada, em ambiente de altitude elevada, sítios de cumeada dominando planícies, sítios de meia-encosta, sítios de planície e, finalmente, sítios ribeirinhos (Gonçalves, 1989a, p. 372).

No meio desta diversidade nas formas de ocupação dos territórios, afastando-se nitidamente dos modelos lineares que vinham sendo defendidos para o povoamento pré-histórico do Sudoeste, destacam-se pelas dimensões e pela riqueza artefactual que evidenciam, os referidos povoados da Sala n.º 1 e da Mangancha. Em ambos casos se perfila uma continuidade de povoamento que arranca no Neolítico Final, na segunda metade do IV milénio

a.C., em anos de calendário, e atravessa, pelo menos, toda a primeira metade do III milénio, com uma aparente continuidade (ou reocupação) do primeiro, em plena Idade do Bronze.

São povoados em que, nos materiais de superfície, as taças carenadas coexistem com os pratos de bordo almendrado e os pesos de tear são de todos os tipos conhecidos regionalmente. A pedra polida, muito abundante, é quase exclusivamente de secção transversal poligonal e o sílex, sub-representado, aparece quase exclusivamente sob a forma de lâminas e pontas de seta de base recta ou côncava. O xisto jaspóide e o quartzito, pelo contrário, são relativamente frequentes, o primeiro substituindo claramente o sílex como material de grão fino e o segundo usado em percutores ou macroartefactos de talhe languedocense (Gonçalves, 1989c).

As áreas destes dois povoados excedem largamente todos os outros; a Sala n.º 1 mede, no mínimo, uns 6 ha, enquanto a Mangancha se deve aproximar bastante dessas dimensões. A maioria dos restantes núcleos de *habitat* identificados não atinge, porém, o 0.5 ha de área; S. Lourenço, partilhando o mesmo nicho ecológico que a Sala n.º 1, é um povoado provavelmente fortificado, cuja área deve rondar, por defeito, 1 ha.

A Sala n.º 1 e a Mangancha carecem ambos, aparentemente, de sistemas defensivos artificiais; enquanto o primeiro usufrui, do lado Leste, de alguma defensabilidade natural proporcionada pelo próprio rio, com margens muito escarpadas, o segundo implanta-se numa área granítica bastante aplanada, atravessada por um ribeiro, sem as mínimas condições naturais de defesa.

Nos cabeços e esporões que delimitam, pelo lado Sul, a serra do Mendro/Portel, junto à escarpa de falha que atravessa, perpendicularmente ao leito do Guadiana, toda esta região, foi localizada uma linha quase contínua de pequenos povoados, alguns fortificados (Zambujoso e Pasparda), com uma clara vocação estratégica em termos de controlo de “caminhos da serra, com a possibilidade de fecharem acessos entre as planícies do Sul e as terras altas” (Gonçalves, 1989a, p. 372).

Estes sítios periféricos, indefensáveis face aos efectivos demográficos dos grandes povoados da região, com os quais são, pelo menos parcialmente, sincrónicos, integraram possivelmente uma ou duas redes de povoamento complexas, provavelmente hierarquizadas, cujos centros só podiam situar-se em povoados como a Mangancha ou a Sala n.º 1 e S. Lourenço. Em torno da Mangancha parecem gravitar os povoados de cumeada da serra do Mendro e os da planície adjacente, enquanto os outros dois se definem indiscutivelmente em função do Guadiana, podendo o respectivo território expandir-se para Norte até à serra do Mendro, compensando as barreiras impostas pelo Guadiana e pelo Odearce.

A fronteira natural representada pela serra do Mendro/Portel, fechando o contacto com o Alentejo Central, não implicou, em todo o caso, distinções sensíveis na cultura material dos povoados de um e outro lado dessa linha; a homogeneidade observada é, aliás, extensível a todo o Sul de Portugal e, com alguns matizes regionais, a todo o Sul Peninsular (Gonçalves, 1987, p. 7).

Quanto às estratégias de povoamento, como veremos, é possível encontrar algumas semelhanças, mas também algumas diferenças importantes, tanto na área de Reguengos de Monsaraz como na da serra d’Ossa. Estas diferenças parecem radicar, em parte, nos diversos condicionalismos ambientais e, naturalmente, em particularidades de carácter histórico.

Um aspecto a reter, na Vidigueira, prende-se com o desequilíbrio absoluto entre o povoamento do Neolítico Final-Calcolítico e o povoamento anterior, virtualmente invisível.

Alguns indícios muito fugazes podem, no entanto, vir a alterar um pouco esta lacuna. Refiro-me ao povoado da Toca da Galeana (Gonçalves, 1987, p. 8; Soares, 1992, p. 301), na

margem do Guadiana fronteira à Sala n.º 1; trata-se de um povoado aberto, que inclui o topo de um esporão e diversos abrigos definidos entre os enormes blocos graníticos que conformam a escarpa virada para o rio. Num destes abrigos, conhecido localmente como a Toca da Galeana, “onde se poliam machados de pedra” (Soares, 1992, p. 301), reconhece-se também um dormente de mó manual escavado num afloramento.

Os materiais (lascas de sílex e fragmentos cerâmicos, entre os quais recolhi um fragmento decorado com fiadas de unguiações) e a própria implantação do conjunto, sugerem uma ocupação arcaizante, que pode ter extravasado (ou ter sido transferido) para a margem oposta, algures nos finais do Neolítico. A ocorrência de cerâmicas decoradas no povoado da Foz do Enxoé, apenas a cerca de 10 km a jusante da Toca da Galeana, na mesma margem do rio, reforça, aparentemente, aquela provável antiguidade.

Outro caso em que, de acordo com a leitura que atrás se defendeu, se pode esperar alguma antiguidade relativa, é o do povoado do Outeiro do Tijolo, em cujo sopé jaz o grande menir do Mau Cabrão (Gonçalves, 1989a, p. 372).

De facto, apesar de a maioria dos materiais corresponder a uma ocupação do Neolítico Final-Calcolítico, recolheu-se um conjunto de peças decoradas com cordões plásticos horizontais, verticais e oblíquos, lisos, que não se encontram representados em nenhum dos outros povoados da região.

Em contrapartida, este tipo de decoração é estatisticamente relevante no povoado ebo-rensense da Casbarra e ocorre também na Carrascosa e na Valada do Mato, todos eles com menires a menos de 500 m.

A distribuição e cronologia destes artefactos foi largamente comentada por Martín de la Cruz (Martín De La Cruz, 1983-84, p. 96-98, 1985, p. 188), que, apesar de apresentar a maior parte dos paralelos em contextos do Neolítico Antigo-Médio, valoriza sobretudo, a propósito da cronologia antiga de Papa Uvas, a sua possível sobrevivência até momentos mais tardios, o que pode também corresponder a uma realidade regionalmente variável.

A implantação do Outeiro do Tijolo num cabeço destacado da planura, apesar de muito apropriada ao modelo tradicional do povoamento calcolítico, não deixa de se inserir igualmente na diversidade que, como já referi, se começa a delinear para o Neolítico Antigo-Médio.

O povoamento do Neolítico Final-Calcolítico e o megalitismo funerário apresentam, na área da Vidigueira, uma certa justaposição e até sobreposição espacial nos casos da Sala n.º 1 e da Mangancha; esse aspecto necessita de alguma precaução, porque a sobreposição cronológica pode ser apenas parcial e ignorarmos ainda outras formas de enterramento, menos detectáveis na paisagem, como pode ser o caso das sepulturas de falsa cúpula.

O povoamento de Reguengos de Monsaraz, bem distinto logo à partida, pelas características da paisagem (Gonçalves, 1992, Mapas 3-5), difere também pelo facto de se articular com uma das maiores concentrações de monumentos megalíticos da Europa (Gonçalves, Calado e Rocha, 1992, p. 395).

Ao megalitismo funerário de Reguengos, justamente singularizado na obra dos Leisner (Leisner e Leisner, 1951), temos que somar as importantes manifestações do megalitismo menírico, cujos maiores expoentes são o cromeleque do Xarez e o dos Perdigões, juntamente com os menires da Belhoa e do Outeiro (Gonçalves, 1970) e do recentemente descoberto menir do Monte da Ribeira.

A ausência de paisagem serrana é a principal distinção paisagística em relação aos territórios da Vidigueira e, obviamente, da serra d'Ossa.

O povoamento calcolítico de Reguengos, tal como o megalitismo, organiza-se quase exclusivamente na mancha quartzodiorítica que, por sua vez, se insere geologicamente no

Maciço de Évora; os terrenos de xisto, a Sul do concelho, entre o Guadiana e o Degebe, aparecem-nos actualmente como um vazio de povoamento, compreensível em função da ausência de solos agrícolas (Gonçalves, 1993, p. 16), por exemplo, mas para o qual pode concorrer também a escassez das prospecções.

Os povoados publicados começam a desenhar uma ocupação muito repartida no território, mas ainda insuficiente em relação à densidade dos monumentos megalíticos, se compararmos com o que se observa na Vidigueira.

Em termos de estratégias de implantação, o povoamento do Neolítico Final-Calcolítico caracteriza-se por uma significativa opção pelos povoados abertos ou com escassa defensabilidade natural, aliás a única possível na monótona peneplanície quartzodiorítica; estão neste caso o TESP₃, Monte Novo 3, Areias 15, Monte Novo dos Albardeiros (Gonçalves, 1989a, p. 383-386; Gonçalves, 1993d; Gonçalves, Calado e Rocha, 1992), Perdigões (Gomes, 1989, p. 259, 260) e, até certo ponto, o Marco dos Albardeiros (Gonçalves, Soares e Silva, 1992, p. 68-70).

Com efectiva defensabilidade natural, destacam-se apenas os povoados do Castelo do Azinhalinho (ou Outeiro das Carapinhas) e da Barrisqueira (Gonçalves, 1992, p. 13, 15; Soares e Silva, 1992, p. 70-74, 78-81); em concordância com o substrato geológico, e, segundo creio, com as deficiências da prospecção, nos concelhos limítrofes de Mourão e Portel conhecem-se apenas povoados em cabeços e esporões, como o Porto das Carretas (Mourão), Hortinho (Mourão), Senhora da Giesteira (Portel), Moncarxa ou Outeiro (Portel) (Soares e Silva, 1992; Lima, 1992) Funchal (Portel), Vale de Sapó (Portel), Outeiro da Grade (Portel), Outeiro do Fojo ou Pero Moreno (Portel) (Gonçalves, 1989a, p. 372, 373; Lima, 1992), Mina dos Algares (Portel) e S. Lourenço (Portel) (Gonçalves, 1992, p. 372, 373).

A existência de verdadeiras fortificações calcolíticas, com muralhas em todo o perímetro do povoado e com torres e bastiões, não é ainda um dado inquestionável; de facto, só no Monte Novo dos Albardeiros (Gonçalves, 1988-89, p. 49-84), com uma implantação pouco proeminente, apesar do amplo domínio visual sobre o território, foi escavado um bastião semi-circular (a Estrutura 2), ocupando estranhamente a cota mais elevada do local, sem que o conjunto do aparato defensivo se tenha ainda tornado compreensível.

Na região da serra d'Ossa, como veremos, localizámos, em três povoados neolíticos finais-calcolíticos, as Pereiras, a Vigária e Claros Montes, variações na microtoponímia do interior dos povoados que podem indiciar estruturas defensivas aparentáveis às do Monte Novo dos Albardeiros, ou, salvaguardadas as necessárias diferenças, às do povoado do Castelo Velho (Jorge, 1983, 1986, 1994).

Também no povoado do Castelo do Azinhalinho, a observação da micro-toponímia e da fotografia aérea permite admitir a possibilidade de ter existido algum tipo de estruturas defensivas, pelo menos em torno da plataforma superior.

A instalação da quase totalidade do povoamento do Neolítico Final-Calcolítico sobre os solos de melhor qualidade pode ser um indicador de uma intensa actividade agrícola, eventualmente complementada, nos piores solos da periferia, por “uma pequena pastorícia” e por actividades cinegéticas (Gonçalves, 1993d, p. 16).

As cronologias absolutas disponíveis para a área de Reguengos e a caracterização ergológica dos conjuntos habitacionais e funerários, permitiram, como hipótese, subdividir os povoados megalíticos da região em quatro blocos cronológicos, com balizas nos meados e finais do IV e do III milénios a.C. (Gonçalves, 1993d, p. 4).

Victor Gonçalves anotou também, a propósito da variedade observada na expressão superficial dos achados, a existência de categorias distintas que poderíamos denominar como povoados propriamente ditos e pequenas “quintas” neolíticas ou calcolíticas (Gonçalves, 1993d, p. 2).

Na verdade, não se conhecem praticamente, no território de Reguengos, os grandes povoados como a Sala n.º 1 ou a Mangancha; apenas o dos Perdigões ocupa uma área claramente superior a 1 ha, se bem que o perímetro do sítio esteja ainda insuficientemente definido. Porém, a dispersão e a quantidade de materiais de superfície, como sabemos, pode distorcer a realidade arqueológica soterrada, sobretudo nos casos em que é deficitária.

A assimilação cronológica dos povoados fortificados aos *tholoi* que, na região, se conhecem exclusivamente em contextos de monumentalização e complexificação dos monumentos anteriores, foi, recentemente, atestada, com base nas datações radiocarbónicas disponíveis (Gonçalves, no prelo, c).

Nessa leitura, que constitui o mais recente balanço em que se cruzaram as informações actualmente acessíveis sobre o povoamento pré-histórico de Reguengos, sublinha-se a “descontinuidade visível” e as “rupturas” introduzidas pelo novo modelo de povoamento, povoados localizados em bons pontos estratégicos e, eventualmente, fortificados, em relação à “invisibilidade” dos povoados do IV milénio e dos inícios do III a.C.

A presença de recursos cupríferos, bem atestada na região de Reguengos, exige que se coloque, por enquanto, a hipótese de uma relativa continuidade cultural, no processo local de calcolitização, o que não significa, de modo nenhum, uma origem local da metalurgia.

Como veremos, esse processo foi, aparentemente, mais “traumático” (Hurtado, no prelo) do que na vizinha Bacia Média do Guadiana, em que os principais povoados abertos sobreviveram intactos até à Idade do Bronze enquanto, no Alentejo Central, a maioria deles se extinguiu ou foi extinta. Resta, de facto, esclarecer se os construtores dos povoados fortificados “originam, assistem ou seguem-se ao colapso dos grupos que anteriormente controlavam” estes territórios (Gonçalves, no prelo).

É curioso, por outro lado, que a escassez de povoados de altura, em articulação com a mancha megalítica dispersa em torno da ribeira do Álamo, não se pode explicar apenas pelo aplanamento do relevo; de facto, na Serra das Pedras, onde já se fizeram prospecções, não se localizaram até agora os povoados que, em contextos semelhantes, encontramos, por exemplo, na serra do Mendro ou na “crista do Redondo”.

8. 2. 2. Os dados da região da serra d’Ossa.

8. 2. 2. 1. Cultura material.

Como já referi, os conjuntos artefactuais registados nos povoados do Neolítico Final-Calcolítico da região da serra d’Ossa assemelham-se, de um modo geral, à grande família cultural que V. Gonçalves denominou como o Calcolítico do Sul Peninsular, ajustando à realidade observada o conceito operativo tradicional de Calcolítico do Sudoeste (Gonçalves, 1989a, p. 32), embora outros autores, mesmo aceitando uma certa unidade cultural do Calcolítico do Sul da Península Ibérica, acentuem a existência de círculos distintos dentro desse complexo (Silva e Soares, 1981, p. 137).

O catálogo de formas cerâmicas que se apresenta, sendo diacrónico e regional, permite-nos uma aproximação diferenciadora, em termos internos, e, até certo ponto, uma comparação menos fina com conjuntos publicados de outras áreas geograficamente próximas.

A leitura cronológico-cultural a partir dos materiais de superfície, como sabemos, é um exercício arriscado, cujos resultados exigem, futuramente, uma confirmação em conjuntos estratigrafados. De momento, resta-me o recurso à confrontação com realidades arqueológicas atestadas em outras áreas, culturalmente relacionadas, abstraindo, se possível, dos eventuais particularismos regionais.

8. 2. 2. 1. 1. Os recipientes cerâmicos

8. 2. 2. 1. 1. 1. As formas simples

De entre as formas simples, que constituem a grande maioria da amostra cerâmica atribuível ao Neolítico Final-Calcolítico, destacam-se, com percentagens sistematicamente muito elevadas (superiores a 50%), as formas abertas: pratos e taças. As formas muito fechadas, que designei como potes, são estatisticamente pouco representativas, enquanto os vasos atingem valores um pouco mais elevados.

Os pratos sobressaem, como tem sido largamente observado, como a forma cerâmica mais característica do Calcolítico do Sul da Península Ibérica e, na região da serra d'Ossa, essa observação aplica-se integralmente.

Trata-se quase sempre de recipientes de grande diâmetro, com as superfícies frequentemente bem alisadas pelo interior e com a superfície externa por vezes muito tosca, indicando o fabrico com o auxílio de um molde exterior; na Andaluzia, parecem detectar-se, nalguns casos, impressões que indicam ter-se tratado de moldes de cestaria (Arribas et al., 1978, p. 81; Arribas et al., 1981, p. 103; Otero, 1986, p. 48).

Nas peças que analisei, no entanto, não foi possível determinar a natureza dos moldes, embora as diferenças das espessuras, as texturas da superfície externa e as próprias irregularidades morfológicas, sugiram a utilização de moldes de areia ou, simplesmente, depressões abertas no solo.

Por outro lado, nos conjuntos do Baixo Alentejo e Algarve, algumas vasilhas abertas parecem ter sido fabricadas com a técnica do rolo (Silva e Soares, 1976-77, p. 212), o que naturalmente não contraria a proposta utilização de moldes.

Os pratos, e particularmente os que apresentam os bordos espessados, podem ter desempenhado uma função análoga à das taças carenadas, uma vez que, o aumento percentual daqueles decorre em paralelo com a diminuição, e mesmo o desaparecimento, das carenas (Gonçalves, 1991, p. 91), por sua vez consideradas o melhor “fóssil director” do Neolítico Final.

Os pratos e as outras formas abertas, com diâmetros geralmente grandes, parecem traduzir hábitos alimentares de consumo colectivo de produtos agrícolas (Nocete, 1989, p. 153), eventualmente em relação com a importância crescente dos cereais.

Na região da serra d'Ossa, os pratos ocorrem em 71% dos povoados que atribuo genericamente ao Neolítico Final-Calcolítico; as taças, cujo limite teórico é a hemisfera (*inclusive*), equivalente ao índice de profundidade 50, estão presentes, por sua vez, em cerca de 70% daqueles povoados.

Os vasos e os potes, além de menos representados em cada sítio, ocorrem apenas, respectivamente, em 54% e 25% dos povoados da região.

Deve observar-se, finalmente, que a análise quantitativa a partir dos materiais de superfície, sempre muito fragmentados e frequentemente sem qualquer hipótese de reconstituição integral das formas, introduz algumas distorções importantes, nomeadamente uma amplificação relativa dos valores das formas abertas, nas quais a razão entre o perímetro de bordo e a superfície da peça é muito superior à das peças fechadas; isto significa, naturalmente, que para o mesmo número de peças inteiras, as taças e os pratos traduzem-se sempre, nos materiais de superfície, num número expressivamente mais elevado de fragmentos de bordo do que os vasos e os potes.

8. 2. 2. 1. 1. 2. As taças carenadas

As taças carenadas estão presentes, em percentagens geralmente moderadas, na maior parte dos povoados do Neolítico Final-Calcolítico da região da serra d'Ossa.

Esta forma cerâmica, que representa em termos morfológicos uma complexificação em relação às formas simples, esféricas ou ovóides, anteriormente conhecidas, tem sido, aliás recorrentemente utilizada como fósil director do Neolítico Final em todo o Sul Peninsular, embora, como aponte, esteja também documentada, noutras áreas, a sua aparição em momentos ligeiramente anteriores.

Porém, alguns dados recentes recolhidos no povoado sevilhano de El Negron, com “cabanas” escavadas no solo e com uma necrópole de grutas artificiais anexa, levaram os escavadores, com base no contexto artefactual exumado, a pôr em dúvida a antiguidade relativa das taças carenadas, tanto mais que foi possível obter, nessa estação, uma série de datações com valores não calibrados entre 2380 e 2300 ± 35 a.C. (Cruz-Auñon, Moreno e Cáceres, 1991, p. 279-280).

Outra questão pertinente diz respeito ao “regresso” das formas carenadas a partir do Bronze antigo, embora com peças geralmente de menores dimensões e tendendo a um mais elevado índice de abertura (Hurtado, 1989, p. 373; Nocete, 1989, p. 138; Pavón, 1994, p. 70-79; Silva e Soares, 1987, p. 52), pelo que todo o cuidado é pouco no que toca à valorização cronológico-cultural desta forma cerâmica.

A revisão dos dados disponíveis, provenientes de povoados do Centro-Sul de Portugal, parece, em todo o caso, permitir reafirmar a posição cronológico-cultural das carenas, desde que estatisticamente representativas e arqueologicamente contextualizadas, nos finais do IV e início do III milénio, em anos de calendário (Gonçalves, 1991), em paralelo com a generalização desse tipo de formas cerâmicas em diversos contextos europeus (Thomas, 1991, p. 74).

Os principais argumentos aduzidos assentam num critério de presença/ausência das taças carenadas em alguns povoados com boas estratigrafias e séries credíveis de datações absolutas, como é o caso de Leceia, Sala n.º 1, ou Monte Novo dos Albardeiros (Gonçalves, 1991).

Na região da serra d’Ossa, as taças carenadas estão especialmente bem representadas no povoado da Horta das Nogueiras (440. 9) (Estampa 76), em que totalizam cerca de 20% da amostra disponível, juntamente com uma elevada percentagem de cerâmica mamilada (30%) ou no povoado da Cavaleira (440. 19), não muito distante, com cerca de 36%; neste povoado, em vez dos mamilos, aparecem muito destacadas as taças de bordo espessado internamente ou interna e externamente, com o lábio aplanado; registou-se também a presença de um possível fragmento de ídolo de cornos e de placas de barro rectangulares, perfuradas nos lados menores.

Deste modo, a Cavaleira corresponde bastante bem à ergologia reconhecida em Vale Píncel II, apesar da distância e das inevitáveis diferenças entre os respectivos contextos geográficos.

As carenas são igualmente marcantes nos povoados do Monte da Ribeira (440. 23), das Pereiras (440. 30) e do Caladinho (451. 6), todos na Bacia do Degebe e praticamente vestigiais em povoados como a Fonte Ferrenha (440. 5), a Perdigoa (441. 43), o Famão (427. 1), etc.

8. 2. 2. 1. 1. 3. O espessamento dos bordos

Na região da serra d’Ossa, também em estreita consonância com o que se passa a nível supra-regional, o espessamento dos bordos é uma das facetas mais representativas das produções cerâmicas do Neolítico Final-Calcolítico; as percentagens dos bordos espessados ultrapassam aqui, frequentemente, os 50% do total de recipientes contabilizados (em 40% dos povoados).

As formas abertas — taças e pratos — são, por outro lado, os recipientes em que se verifica, com maior frequência, o espessamento dos bordos.

As variações diacrónicas dos diversos tipos de espessamento, fundamentais para uma leitura sequencial do povoamento através dos materiais de superfície, são prejudicadas habitualmente pela falta de estratigrafias e pela ausência de métodos analíticos (tipologias eficazes, para além de outras dificuldades relacionadas com as próprias realidades arqueológicas (regionalismos, sobrevivências diferenciais, etc.).

As propostas de C. T. Silva e J. Soares, construídas com base nos materiais dos povoados da área de Sines (Silva e Soares, 1981, 1984), apesar de relativizada por escavações posteriores que puseram em causa, sobretudo, a rigidez das associações (Gonçalves, 1991, p. 106), parecem-nos, no entanto, globalmente aplicáveis aos conjuntos artefactuais da região da serra d'Ossa.

No que diz respeito à evolução do espessamento dos bordos entre o Neolítico Final de Vale Pincel II e o Bronze do Sudoeste da Quitéria e Pessegueiro, aqueles autores distinguiram, numa primeira fase, as “taças largas de bordo espessado internamente”; as ilustrações publicadas, no entanto, mostram que 40% das taças de bordo espessados de Vale Pincel II, apresentam igualmente espessamento externo (Silva e Soares, 1981, p. 128), o que levou os mesmos autores, em publicações mais recentes a eliminar o advérbio (Silva e Soares, 1987, p. 51) e, mais tarde (Soares e Silva, 1992, p. 72), também o primeiro adjectivo, visto que a variável tamanho afecta igualmente estas peças. As taças de bordo espessado, parecem ainda caracterizadas, nessa fase, por um significativo aplanamento do lábio (Silva e Soares, 1981, p. 127).

No momento seguinte, correspondente ao Calcolítico Pleno, as taças de bordo espessado mantêm-se sem grandes alterações, embora, a acreditar na representatividade das ilustrações publicadas, passem a apresentar o lábio tendencialmente convexo (Silva e Soares, 1981, 1984); porém, neste “horizonte”, representado nos Chãos de Sines pelo povoado de Monte Novo, irrompem e tornam-se dominantes, os pratos de bordo almendrado, antes inexistentes.

Finalmente, na Quitéria e Pessegueiro, o espessamento dos bordos foi caracterizado, segundo as palavras dos respectivos escavadores, pela presença das “taças de bordo espessado internamente (de clara filiação calcolítica regional) quer com o lábio arredondado, quer com o lábio aplanado e ténue espessamento” (Silva e Soares, 1981, p. 171).

As ilustrações permitem, em todo o caso, especificar um pouco melhor o tipo de espessamento dos bordos nesta última fase, uma vez que, de acordo com a proposta de classificação que aqui se apresenta, parecem predominar os almendrados “curtos”, com uma clara tendência para a introversão do bordo (Silva e Soares, 1981, p. 173, 175 e 179); estão completamente ausentes, nestes espólios, os bordos almendrados “largos” que, por sua vez, abundam no Monte Novo (Silva e Soares, 1981, Fig. 104, 5, 6, 7, 17) e em que a extroversão é mais frequente.

O povoado de Valencina de la Concepción, onde nos últimos anos foram efectuadas várias intervenções pontuais (Fernández e Oliva, 1985, 1986; Murillo, Cruz-Auñon e Hurtado, 1988; Martín e Ruiz, 1990; Cruz-Auñon, Moreno e Cáceres, 1992), mas onde a estratigrafia permanece mal clarificada (Martín e Miranda, 1988), deu aso a um estudo pioneiro sobre os pratos calcolíticos do Sudoeste, baseado, sobretudo, numa vasta amostra de materiais de superfície. Nesse trabalho, observou-se uma diferenciação na largura dos lábios dos pratos de bordo almendrado em dois grupos cuja “fronteira” foi fixada empiricamente nos 3 cm de largura; a maioria, ao que parece, não ultrapassaria, em média, aquela dimensão, mas “existem outros da mesma forma, que chegam a 5 ou 6 cm” recolhidos na escavação de um pequeno corte estratigráfico” (Ruiz Mata, 1975, p. 129).

Esta distinção só não foi aplicada, no esquema tipológico que aqui utilizo, também às taças de bordo espessado por se ter determinado nestas peças, numa quantificação preliminar, uma presença menos significativa do ponto de vista estatístico. Mesmo assim, pode constatar-se através dos desenhos dos materiais que, nos conjuntos em que surge o prato de bordo almendrado com o lábio largo, esta variante se aplica igualmente a algumas taças (Estampa 25, 8, 9; Estampa 83, 1, 2, 3).

Pelo contrário, no povoado da Fonte Ferrenha (440. 5) (Estampas 1-13), entre outros com amostras menos consistentes (Caladinho, Comenda do Meio, Claros Montes e Vinha), são muito raros os lábios largos, entre as taças ou os pratos com espessamento no bordo; note-se, entretanto, que, naquele povoado, as formas abertas com bordos espessados, continuam a ser numericamente muito importantes (45% dos recipientes).

A relação entre as diferentes formas de espessamento dos bordos (reforçados, almendrados ou indiferenciados) e as formas dos recipientes confirma, estatisticamente, a conexão inicialmente proposta por C. T. Silva e J. Soares (1976-77): de facto, a tendência para a horizontalidade dos lábios, nos bordos espessados, embora com algumas excepções que não parecem muito significativas, leva a que, nas taças, o espessamento seja maioritariamente sub-perpendicular à parede, enquanto nos pratos é quase sempre sub-paralelo. Esta correspondência chega a ser da ordem dos 98 % (pratos e taças), como acontece no Monte da Ribeira (440. 23), com valores da ordem dos 80-90%, na maior parte, descendo para 72% e 74%, para os pratos e as taças, respectivamente, no povoado da Fonte Ferrenha (440. 5).

Os espessamentos indiferenciados estão, em contrapartida, bastante melhor representados no povoado da Fonte Ferrenha, com uma média de 17% nos pratos e taças e com valores muito baixos (média de 1,5%), no Monte da Ribeira. Este tipo de espessamento foi também discriminado no conjunto cerâmico de Valencina de la Concepción; Ruiz Mata, a propósito dos pratos deste povoado, considerou a indiferenciação do espessamento como “uma característica fundamental e muito rara” (Ruiz, 1975, p. 131, fig. 5, n.º 5).

Quanto aos bordos adelgaçados, ocorrem com valores semelhantes aos dos bordos simples, nas formas abertas, enquanto nas formas fechadas são quase sempre minoritários. O adelgaçamento do bordo é particularmente notável nos pratos, como se pode confirmar igualmente em boa parte dos exemplares publicados em contextos do Neolítico Final-Calcolítico (Gonçalves, 1989, Est. 12, 19; Est. 13, 8, 10; Est. 65, 6; Est. 73, 7; Est. 86, 10; Est. 93, 14; Enríquez, 1990, p. 325; Silva e Soares, 1976-77, 1981, Fig. 100, n.º 1; Fig. 103, n.º 3; Fig. 104, n.º 1;) e, na tipologia usada para o estudo dos materiais de La Pijotilla, corresponde à variante B da forma X, que, como se viu, inclui indiscriminadamente pratos e taças (Hurtado, 1984, p. 180)

O espessamento dos bordos nas formas fechadas, vasos e potes, quase sempre aplicado pelo exterior, ocorre sobretudo em recipientes de grandes dimensões, sem dúvida com funções de armazenamento. No povoado de Valencina, por exemplo, foi possível reconstituir dois desses vasos, actualmente expostos no Museu de Sevilha, um deles com um bordo de cerca de 1m de diâmetro (Fernández e Oliva, 1986).

8. 2. 2. 1. 1. 4. A direcção dos bordos

A direcção dos bordos, em relação à qual se tem prestado, em geral, pouca atenção, foi recentemente objecto de uma análise com base quantitativa efectuada sobre os materiais calcolíticos do Alto Guadalquivir. Os resultados indicam uma acentuada tendência para “a horizontalidade do bordo, a abertura do recipiente e o desenvolvimento dos peraltes exteriores salientes” (Nocete, 1989, p. 115), entre o Neolítico Final e a Idade do Bronze dessa região.

Note-se que a “horizontalidade” do bordo parece ser aqui entendida como sinónimo de extroversão.

Na região da serra d’Ossa, essa tendência verifica-se claramente no que diz respeito às carenas que, como já se referiu, tendem a ser mais abertas, apresentando a parede exterior côncava e o ângulo da carena geralmente mais obtuso.

No entanto, em termos gerais, parece verificar-se, nesta área, uma tendência inversa, particularmente nas formas simples abertas, os pratos e as taças, em que a percentagem de bordos introvertidos parece crescer ao longo do III milénio a.C.

No povoado da Fonte Ferrenha, os bordos direitos cobrem, no conjunto das formas, 77% da amostra, enquanto os bordos introvertidos representam 16% e os extrovertidos simplesmente 7%. As maiores incidências de bordos introvertidos, verificam-se claramente nas formas abertas, com 19,2% nos pratos e 16,6% nas taças. As formas fechadas, pelo contrário, são as que atingem valores mais elevados, em termos de extroversão do bordo: 15,6% nos vasos e 25% nos potes.

No Monte da Ribeira, com 81% de bordos direitos, os bordos extrovertidos atingem 16,2% do total, enquanto os bordos introvertidos descem para cerca de 2,4%. Os pratos e as taças raramente apresentam, neste povoado, os bordos introvertidos (1,2% e 0,4%, respectivamente); é notável, em contraponto, que 34% dos pratos, maioritariamente de bordo almendrado, apresentem o bordo extrovertido. Valores semelhantes, em todas as variáveis referidas, se verificam no povoado da Salgada, embora, neste caso, todos os extremos se apresentem mais moderados.

No povoado de Famão, a mesma variável aproxima-se bastante das tendências observadas na Fonte Ferrenha, com 9,2% de bordos introvertidos, contra apenas 7,7% de bordos extrovertidos. No entanto, os pratos de bordo extrovertido, com 18,8%, têm um comportamento semelhante ao do Monte da Ribeira, e, sobretudo, da Salgada (21%).

Os recipientes da Perdigoa e do S. Pedro apresentam, por sua vez, muitas semelhanças com os do Famão, nomeadamente uma maior percentagem de bordo introvertidos (15,2% e 9,1%) do que de bordos extrovertidos (8,7% e 4,6%). Porém, no que diz respeito aos pratos, os de bordo introvertido superam, como na Fonte Ferrenha, os outros, com 16,1%, no povoado de S. Pedro, e 15,2%, no da Perdigoa, contra 11,9% e 8,7%, respectivamente.

No povoado do Cubo (441. 20) dominam os bordos extrovertidos, com 11,3 %, contra os 1,3 % dos introvertidos.

A introversão dos bordos, nas formas abertas, foi também anotada por V. Hurtado, a propósito dos enterramentos do Bronze Antigo de Guadajira (Hurtado, 1985, fig. 7, s); este autor chamou, ainda, a atenção para a presença daquele tipo de prato, no estrato superior do *tholos* do Monte do Outeiro (Aljustrel), onde ocorreu em associação com uma ponta tipo Palmela (Schubart, 1965, Est. III, f); nas escavações de La Pijotilla, a mesma forma aparece juntamente com cerâmica campaniforme, no Corte 14, Estrato V (Hurtado, 1988, Fig. 13, n.º 7).

Também nos povoados da Idade do Bronze do Pessegueiro e da Quitéria encontramos pratos e taças, cujos bordos são do mesmo tipo (Silva e Soares, 1981, 173, Fig. 152, n.º 9 e 10; 179, Fig. 155, n.º 9), embora não disponhamos de qualquer quantificação desta variável.

8. 2. 2. 1. 1. 5. O aplanamento dos lábios

Nos povoados com mais de 20 recipientes classificados, o aplanamento dos lábios aparece com valores pouco expressivos, sobretudo se os correlacionarmos com as tendências legíveis em função dos outros indicadores.

No que se refere aos pratos espessados, no entanto, nota-se que o aplanamento dos lábios se correlaciona positivamente com o bordos almendrados largos, enquanto nas taças de bordo espessado, essa tendência se atenua.

Apenas no povoado da Cavaleira (440. 19), com 35 % de bordos espessados e lábios aplanados, embora com uma amostra muito reduzida, se parece verificar uma tendência significativa, eventualmente camuflada, noutros casos, com materiais mais tardios.

Como se disse, para além dos lábios aplanados, a Cavaleira apresenta outros aspectos comparáveis a Vale Píncel II, onde o aplanamento dos lábios tinha sido já anotado.

8. 2. 2. 1. 1. 6. A decoração

A cerâmica recolhida nos povoados do Neolítico Final-Calcolítico da região da serra d'Ossa é maioritariamente constituída por cerâmica lisa. Os motivos decorativos mais frequentes são as pegas mamilares, de diversas formas, raras vezes colocados em cima do bordo; note-se que, na maior parte dos casos, os mamilos parecem desempenhar um papel mais funcional do que decorativo. Em qualquer caso, a percentagem das cerâmicas mamiladas, é geralmente inferior a 10%. O único caso em que este valor é claramente ultrapassado (35%) é o do povoado da Horta das Nogueiras que, como se viu, apresenta, a par de uma percentagem elevada de carenas, alguns elementos arcaizantes.

Os restantes motivos decorativos são, nesta área, estatisticamente irrelevantes e, até por isso, perfeitamente integráveis nas realidades conhecidas no Neolítico Final-Calcolítico do Sudoeste Peninsular.

Estão neste caso as cerâmicas com impressões punctiformes, que, noutros contextos, frequentemente se organizam em bandas ou preenchem triângulos incisos (Enríquez, 1990, p. 329, 333, 338, 351, 352 e 362; Gonçalves, 1987, fig. 6; López e Arias, 1988-89, fig. 12, 4; Parreira, 1983, p. 163) e de que apenas se recolheram aqui dois exemplares, cujas dimensões não permitem definir, com segurança, a organização dos motivos (Estampa 10, 5; Estampa 40. 2).

Também um fragmento inciso proveniente do povoado de Claros Montes (Estampa 94, n.º 13), se parece reportar à temática simbólica dos triângulos, embora o fragmento conservado não seja muito eloquente a esse respeito. Motivos similares observam-se, porém, na Bacia Média do Guadiana, no povoado de Araya (Mérida) (Enríquez, 1990, Fig. 32), com elevada percentagem de taças carenadas (cerca de 30%), alguns bordos espessados e cerâmica mamilada.

Destacam-se, apesar do seu número diminuto, os fragmentos campaniformes da Fonte Ferrenha (440. 5) e do Famão (427. 1). Trata-se, em ambos os casos, de cerâmica com decoração incisa, de tipo "Ciempozuelos", considerada a mais tardia. Os motivos são constituídos por linhas paralelas horizontais, bandas igualmente horizontais de linhas quebradas ou traços paralelos oblíquos enquadrados por linhas paralelas horizontais (Estampa 10, 2, 3 e 4; Estampa 12, 11; Estampa 54, 8; Estampa 57,9).

Os paralelos mais próximos, para além da referida taça das Casas do Canal (Leisner e Leisner, 1955, Est. XII, XIII, XIV e XV) e, com muitas reservas, do povoado do Castelo Velho de Pavia (Correia, 1921, p. 21, Fig. 11), encontramos-os na Extremadura espanhola, provável ponto intermédio no trajecto destes artefactos, a partir da Meseta (Enríquez, 1990, p. 352, 353 e 366; Hurtado, 1988, p. 52; Soares, 1992, p. 298).

Por fim, destacam-se os dois fragmentos de cerâmica cardial já antes mencionados; num deles, proveniente do Monte da Ribeira (440. 23), a decoração foi obtida por meio de impressões paralelas, em que se observa algum basculamento ou "pivoteamento" da matriz

(Estampa 32, n.º 6); o outro, recolhido no povoado da Salgada (426.13) apresenta uma decoração com uma faixa de impressões paralelas, a que se adossa perpendicularmente uma outra (Estampa 85, n.º 11).

A ocorrência destas peças em dois povoados muito semelhantes entre si, em função de diversos parâmetros (artefactuais e espaciais), permite levantar a questão da eventual sobrevivência da cerâmica cardial em contextos do Neolítico Final-Calcolítico.

Os paralelos mais próximos encontramos-los, curiosamente, em dois povoados calcolíticos do Guadiana, em que se registou a presença vestigial deste motivo decorativo: La Pijotilla e El Lobo.

O primeiro, estudado por V. Hurtado, representa, pelo que sabemos, um dos maiores povoados calcolíticos do Sudoeste peninsular, com cerca de 80 ha de área, sem condições naturais de defesa, mas envolvido por uma estrutura de funcionalidade ainda pouco clara (Hurtado, 1991, p. 60).

Em La Pijotilla, foram recuperados dois fragmentos de cerâmica de tipo cardial, um deles com impressão basculante, proveniente do corredor de um *tholos*. V. Hurtado refere ainda o aparecimento de outro fragmento do mesmo género no povoado de El Lobo, também nos arredores de Badajoz (Hurtado, 1984, p. 360).

O facto de se terem também recolhido outras cerâmicas impressas, de “sabor” neolítico, em ambos os povoados (Hurtado, 1984, p. 359-360; Molina, 1980, p. 124) permite encerrar a hipótese, ainda que leve, de uma leitura distinta daquela que foi fornecida pelos respectivos escavadores.

Com efeito, embora as sobrevivências artefactuais sejam perfeitamente aceitáveis como explicação para o fenómeno, podemos sempre admitir a inclusão de materiais mais antigos nos estratos do Neolítico Final-Calcolítico, tanto mais que La Pijotilla está longe de ter sido integralmente escavada e a maior parte dos cortes decorreram em sanjas e em sepulturas; nestes casos, é óbvio que quaisquer eventuais depósitos mais antigos teriam sido eliminados, reiniciando-se a deposição posteriormente à “construção” das estruturas negativas.

No caso de El Lobo, com uma potência estratigráfica que atinge os 2,30 m (Molina, 1980, p. 108), o escavador, apesar de o atribuir ao Bronze I (Calcolítico), reconhece a possibilidade de uma data mais recuada, em função do “arcaísmo do povoado” (Molina, 1980, p. 106); note-se, também, que as cabanas foram parcialmente rebaixadas no solo (60-80 cm), o que, caso a houvesse, teria certamente perturbado qualquer estratigrafia anterior.

Seja como for, é evidente a tendência dos arqueólogos do país vizinho em rejuvenescer as cerâmicas filiáveis na “cultura das grutas” ou no Neolítico Antigo português, atribuindo ao Neolítico Tardio alguns conjuntos impossíveis de distinguir daqueles que, entre nós, são considerados do Neolítico Antigo (mais ou menos evolucionado).

No entanto, repare-se que, por exemplo, nos povoados extremos com ocupações calcolíticas do Cerro de la Horca ou de Los Castillejos, se observou uma “assinalada descontinuidade estratigráfica” em relação ao níveis subjacentes com cerâmicas impressas de “punto y raya” e “indústria microlítica de clara filiação neolítica” (González, Castillo e Hernández, 1991, p. 23) pelo que, sem datações absolutas, não se confirma, por enquanto, a suposta proximidade cronológica entre ambas ocupações, ideia que a designação de Neolítico Tardio parece implicar.

A recente datação de um contexto de cerâmicas impressas, sem cardial, num povoado de altura (Simões, 1996), na transição do VI para o V milénio a.C., reforça cronometricamente a antiguidade destes materiais, retirando simultaneamente à decoração cardial o “monopólio” das fases mais antigas da neolitização do actual território português; esta lei-

tura pode, aliás, inscrever-se na linha dos resultados obtidos nas grutas andaluzas e propostos para a área de Sines, contrariando, aparentemente, as conclusões sugeridas pelos dados da gruta do Caldeirão.

A evidente longevidade das cerâmicas impressas e incisadas, assim como, provavelmente, da própria decoração cardial, exige, em todo o caso, leituras mais finas em que se adivinham, de antemão, diferentes matizes regionais.

A presença desses materiais em alguns povoados com ocupações do Neolítico Final-Calcolítico (Leceia, Olelas, Montes Claros, Alto de S. Francisco) deve, por enquanto, ser interpretada com precaução, uma vez que, na mesma região, o referido sítio de S. Pedro de Canaferrim comprova uma alternativa nas estratégias de implantação do Neolítico Antigo que, aparentemente, se ajusta também às localizações daqueles *habitats* (Simões, 1996).

8. 2. 2. 1. 2. Os pesos de tear

A frequência dos pesos de tear parece indicar o aparecimento da tecelagem numa fase avançada do processo de neolitização do Alentejo Central. São artefactos que se tornam habituais no Neolítico Final-Calcolítico, mas que, como noutra lugar se sugeriu, podem ter aparecido pontualmente, em momentos anteriores.

A presença dos pesos de tear, como um dos elementos mais constantes dos espólios calcolíticos do Sudoeste, pode indicar uma produção de tecidos pouco especializada, eventualmente de âmbito doméstico e num esquema de auto-suficiência ou, pelo contrário, uma produção especializada, regionalmente excedentária, tendo em vista o intercâmbio comercial com outras áreas, onde o registo arqueológico é avaro em indicadores da tecelagem.

No Monte da Ribeira (440. 23) (Estampas 27 e 28) e na Carrasqueira, os fragmentos de pesos de tear, maioritariamente crescentes, atingem valores da ordem dos 24% e 25%, respectivamente, dentro do total de peças recolhidas. Pelo contrário, a Fonte Ferrenha forneceu uma proporção muitíssimo inferior de pesos (cerca de 1%), enquanto todos os outros analisados têm valores intermédios. Neste aspecto, a Fonte Ferrenha aproxima-se bastante de alguns povoados de Badajoz, com campaniforme e mais ou menos relacionados com a mineração, como são El Pedrosillo e Los Palacios, na comarca de La Serena (Enríquez e Iñesta, 1985, p. 21).

Para além da valorização cronológica destas diferenças, é evidente que estamos aqui em presença de transformações económicas e sociais que interessa avaliar. Os valores muito baixos dos pesos de tear (e, como veremos, da pedra polida) contrapõem-se, na Fonte Ferrenha, a uma forte evidência de actividade metalúrgica.

Deve, aliás, salientar-se, que a escassez dos pesos de tear é também característica dos povoados do Bronze final da região, sugerindo que o funcionamento das redes comerciais que, a partir dos finais do Calcolítico, permitiram o intercâmbio do metal e das cerâmicas campaniformes, se alargasse a produtos perecíveis como é o caso do tecido, sendo, por isso, pouco significativa a produção local.

A atenuar esta leitura, é de salientar a coexistência da metalurgia e da tecelagem, em Santa Justa, ambas com grande relevância, entre os indicadores paleoeconómicos preservados.

Porém, a explicação pode residir, para além das possíveis *décalages* culturais e económicas entre as duas áreas, no facto de, como parece, Santa Justa ser anterior à Fonte Ferrenha, numa época em que, por hipótese, aqueles circuitos comerciais não tinham ainda os mesmos conteúdos. É indiscutível que, em vários aspectos da cultura material, Santa Justa

apresenta maiores similaridades com os povoados abertos da região da serra d'Ossa, como o Monte da Ribeira ou a Salgada.

O valor cronológico relativo dos crescentes e das placas continua pouco claro; depois das propostas diferenciadoras elaboradas com base nos materiais dos povoados do Baixo Alentejo e Algarve (Silva e Soares, 1976-77, 1981, 1984, 1987), novos dados têm mostrado a convivência de ambas as formas, em alguns contextos estratigrafados (Arribas e Molina, 1979, p. 116; Gonçalves, 1987, p. 11, 1990-91, p. 64, 65; Martín, 1985, p. 171), e um “regresso” em força das placas de barro, no Bronze do Sudoeste (Silva e Soares, 1981, Fig. 154, n.º 10). Note-se que os crescentes se tornaram praticamente exclusivos, no Calcolítico pleno, como acontece no povoado alto algarvio de Santa Justa (Gonçalves, 1989a, p. 250).

Na região da serra d'Ossa, pode afirmar-se que os crescentes estão claramente em maioria; apenas 12 povoados apresentam exclusivamente placas rectangulares, todos eles com base em amostras muito limitadas e com contextos artefactuais díspares; por exemplo, no povoado da Cavaleira, com bordos espessados e carenas, como Vale Píncel II, não se recolheram crescentes, o que pode sugerir, mais uma vez, uma certa anterioridade para as placas.

Pelo contrário, no povoado dos Currais, já na área de Évora, mas muito próximo da região da serra d'Ossa, recolheram-se apenas placas de barro, mas, neste caso, associadas a materiais que parecem corresponder já à Idade do Bronze, tipologicamente paralelizáveis com Pessegueiro e Quitéria (Silva e Soares, 1981).

Finalmente, no Monte da Ribeira, recolheu-se um exemplar de placa perfurada, em forma de crescente, se bem que de dimensões muito distintas dos habituais crescentes calcolíticos (Estampa 28,1).

Algumas peças muito parecidas, apenas um pouco mais achatadas, foram igualmente recolhidas nas prospecções de superfície de dois povoados do Bronze Final da serra d'Ossa, o Castelo e as Martes, ambos sem quaisquer vestígios de ocupação calcolítica.

No entanto, nas escavações de uma estrutura negativa classificada como “forno”, em Valencina de la Concepción, foi resgatado um fragmento de um objecto análogo (Fernández e Oliva, 1985, Fig. 45, n.º 110); note-se que, neste caso, se trata do único contexto estratigráfico, definido no povoado sevilhano, em que não ocorreram os pratos ou taças, mas apenas bordos sem espessamento e taças carenadas, alegadamente síncrono da fase final de Papa-Uvas.

O mesmo tipo de artefacto foi registado no Cabezo de los Vientos, povoado com uma fase de ocupação anterior à fortificação calcolítica; desconhecemos, no entanto, com qual das fases se relaciona esse peso de tear (Piñon, 1986a, p. 88, 1986b, p. 321, 1995, p. 178, Fig. 6, n.º 2).

8. 2. 2. 1. 3. A pedra polida

A quantificação da pedra polida, significativa no seu conjunto, não produziu resultados muito claros no respeitante ao tipo de secção. Neste aspecto, podemos apenas concluir que os instrumentos de secção arredondada são geralmente maioritários nos contextos sem cerâmicas de bordo espessado, com destaque para a Horta das Nogueiras, e rarefazem-se nos povoados plenamente calcolíticos, embora se conservem até aos mais tardios, em que as amostragens são, aliás, pouco representativas.

Nos povoados da Bacia Média do Guadiana, verificou-se esta mesma tendência, com perdurações da secção arredondada até aos finais do período (Enríquez, 1990, p. 217); no caso concreto de Araya, a escavação de um socalco, revelou um único objecto de pedra

polida, de secção arredondada, com uma elevada percentagem de taças carenadas e, neste corte, ausência de bordos espessados.

Como se viu, nos povoados do Neolítico Antigo de Évora ou de Reguengos, é irrelevante a presença de instrumentos de pedra polida, aspecto que parece revelar a fraca actividade agrícola dos primeiros povoados do Alentejo Interior.

Só com o Neolítico Final-Calcolítico a pedra polida ascende a valores próximos dos 10% das peças recolhidas; nos finais do período, coincidindo com a aparição das cerâmicas campaniformes, os instrumentos de pedra polida estão já em acentuada regressão, aspecto que, noutros contextos geográficos, mas nos mesmos patamares cronológicos, foi recentemente objecto de análise (Lillios, 1991).

Essa redução verifica-se, mesmo em momentos anteriores, nomeadamente no povoado de Santa Justa, com datas calibradas da primeira metade do III milénio; o facto de se tratar de um povoado metalúrgico, onde aliás se recolheram machados de cobre em estratigrafia, pode concorrer para esse “esvaziamento” (Gonçalves, 1989a, p. 216).

Sendo difícil de admitir, na região da serra d’Ossa, uma valorização da pedra polida em termos de bens de prestígio, dada a abundância de matéria-prima disponível na região, o fenómeno deve relacionar-se, antes de mais, com o menor investimento na desflorestação, em relação à fase mais expansiva, que caracteriza a dinâmica do povoamento Neolítico Final-Calcolítico.

Fundar novos povoados exigiria, naturalmente, uma acção concomitante de arroteamento e construção em madeira, em que a pedra polida teria desempenhado um importante papel cujos ecos, aliás, se reconhecem, em algumas áreas, também no mundo do simbólico (as gravuras de machados de Gavrinis ou as curiosas enxós encabadas da Estremadura, entre os mais conhecidos).

A retracção das redes de povoamento (Díaz-Andreu, 1993, p. 246; Gilman, 1987, p. 28; Lillios, 1991, p. 39; Pavón, 1987, p. 120), fossem quais fossem as causas desse fenómeno, pelo contrário, implicaria, cada vez mais, a obsolescência da pedra polida; por outro lado, começaram a entrar em cena os utensílios metálicos, cuja importância real, enquanto substitutos do anfíbolito, não é fácil de avaliar (Gonçalves, 1989a, p. 313), mas que, no caso da Fonte Ferrenha, atendendo ao contexto arqueológico e geográfico, pode ter sido significativa.

A raridade da pedra polida nas recolhas a que procedi no povoado de Famão, aparentemente desmentida pelos achados publicados na notícia de descoberta do sítio (Arnaud, 1971), pode explicar-se, em parte, pelas recolhas antigas e por eventuais “visitas” desde a publicação do povoado, que teriam reduzido selectivamente a proporção da pedra polida em relação aos restantes artefactos.

A quantidade relativa de instrumentos de pedra polida, nos povoados abertos do Monte da Ribeira e da Salgada (5% das peças recolhidas), tem bons paralelos na Bacia Média do Guadiana, como é o caso do povoado de La Pijotilla, em que domina a secção poligonal (89% dos machados) (Hurtado, 1984, p. 64) e, particularmente, de El Carrascalejo, um povoado aberto, com uma amostra muito representativa de pedra polida (cerca de 15% do total de peças recolhidas, dos quais 87% de secção poligonal), em aparente associação com taças carenadas (36, 4%) e pratos (ou taças) de bordos espessados (16%) (Enríquez, 1990, p. 45), a maior parte dos quais almendrados.

Um aspecto interessante, muito frequente no conjunto aqui analisado, diz respeito à sistemática reutilização dos machados de pedra polida como martelos; em alguns casos raros, estas peças apresentam-se polidas na superfície de percussão. No Monte da Ribeira (Estampa 30), os artefactos reutilizados ascendem a 45% do total e, na Salgada, rondam os 57%, considerando ainda uma elevada percentagem de casos indeterminados. Esta ten-

dência não foi detectada, em nenhum exemplar, nos instrumentos de pedra polida da Horta das Nogueiras, o que leva a supor tratar-se de uma prática relativamente tardia; a explicação pode encontrar-se na disponibilidade de matéria-prima na região, ou relacionar-se mesmo com o início do declínio da utilização da pedra polida, fenómeno bem atestado nos finais do III milénio.

Em La Pijotilla, as reutilizações ascendem a 37% (Hurtado, 1984, p. 64), e, dentro destes, uma elevada percentagem relativa (19%) de peças com o extremo distal plano e polido, para os quais se propôs recentemente um discutível classificação como martelos para o trabalho do metal, fabricados primariamente para esse fim (Cardoso, 1994, Fig. 106).

8. 2. 2. 1. 4. A pedra lascada

A análise da pedra lascada foi aqui esboçada principalmente do ângulo da matéria-prima utilizada, sendo que o sílex (ou o *chert*), o quartzito, o xisto jaspóide e, mais raramente, o quartzo, constituem a quase totalidade da amostra recolhida. Note-se que, dentro destes, apenas o sílex não ocorre no Alentejo Central, sendo as jazidas mais acessíveis, aparentemente, as da Maciço Calcário Estremenho, e, em particular, as da serra da Arrábida ou do Cercal (Silva e Soares, 1986).

No Neolítico Final-Calcolítico da região da serra d'Ossa, o sílex é sempre muito raro; este aspecto, como se viu, contrasta fortemente com o que se passa no Neolítico Antigo, em especial no caso do povoado da Valada do Mato.

Nos povoados melhor representados artefactualmente, o sílex nunca atinge os 20% dentro da pedra lascada, grupo que, por sua vez, corresponde a 34% do total dos materiais recolhidos, na Perdigoa e a 30% no S. Pedro, mas em que o quartzito e o xisto jaspóide, respectivamente, são largamente maioritários.

O sílex foi francamente substituído, a partir do Neolítico Final, pelo xisto jaspóide, material de menor qualidade, mas suficientemente adequado para o fabrico das pontas de seta (Silva e Soares, 1987, p. 48) e de outros artefactos sobre lasca; o xisto jaspóide não permite, pelo contrário, a extracção de lâminas, que, nestes povoados, são normalmente em sílex, mas ainda assim sempre relativamente escassas (Piñon, 1986, p. 319).

Ocorrem, no entanto, algumas lâminas de xisto jaspóide de tipologia muito distinta das de sílex, uma vez que estas são sempre de secção transversal triangular ou trapezoidal e aquelas são lascas achatadas, extraídas pelos planos de xistosidade do suporte e sempre retocadas nos bordos.

Em comparação com os espólios do Neolítico Antigo-Médio, a par da rarefacção do sílex nos contextos habitacionais, verifica-se também um robustecimento significativo dos artefactos feitos com este material (Zilhão e Carvalho, 1996), traduzindo, sem dúvida, um quadro económico muito distinto.

O sílex, atendendo à sua raridade, parece aqui um material adequado a uma utilização como bem de prestígio; num tal contexto se pode inserir não apenas a redução do uso quotidiano desta matéria-prima, mas também o uso ritual, nomeadamente funerário, em que, pelo contrário, o sílex aparece ricamente representado. A este respeito são muito elucidativos os espólios do *tholos* da Farisoa ou da anta grande do Olival da Pega (OP1) (Leisner e Leisner, 1951, Est. XVI e XXIII), por exemplo.

O xisto jaspóide aflora, como se referiu, na bacia da Asseca, junto ao Guadiana. Foi igualmente recolhido nos terraços quaternários deste rio, sob a forma de seixos mais ou menos rolados. A distribuição espacial deste material implica, pois, uma relação intensa do

povoamento Neolítico Final-Calcolítico do Alentejo Central com o Guadiana, em termos de aprovisionamento directo ou indirecto.

Outro tanto se pode afirmar, aliás, a propósito do quartzito, disponível apenas nas cascalheiras quaternárias do rio e, em maior ou menor grau, representado em quase todos os povoados pré-históricos da região; a ocorrência de seixos de quartzito intactos ou com fracturas térmicas, em povoados afastados do Guadiana, parece implicar também outros usos, nomeadamente como alisadores ou mesmo como acumuladores térmicos nas lareiras.

A frequência regular das margens do Guadiana pelas comunidades estabelecidas no Alentejo interior, tendo em vista a obtenção de xisto jaspóide e quartzito e, eventualmente, também em expedições de caça e pesca, ou ainda por razões de ordem religiosa, ou por todas estas razões reunidas, pode eventualmente contribuir para explicar os padrões de dispersão dos artefactos languedocenses.

Na Bacia Média do Guadiana, o quartzito foi a matéria-prima mais utilizada, mas o sílex apresenta, nesta área, valores mais elevados do que os do xisto jaspóide; as pontas de seta, porém, são quase sempre deste material; infelizmente, nessa região, desconhecem-se actualmente as ocorrências de jazidas de sílex e, aparentemente, também as de xisto jaspóide (Enríquez, 1990, p. 211).

8. 2. 2. 1. 5. Os percutores

Os percutores, tal como já vimos com a pedra polida, surgem em quantidades muito insignificantes nos povoados neolíticos de Évora e, em contrapartida, tornam-se as peças mais recorrentes dos espólios de superfície a partir do Neolítico Final. A matéria-prima mais frequente é o quartzo leitoso, de origem filoneana, que ocorre com fartura em praticamente todo o Alentejo Central; o quartzito, também muito utilizado, tende a dominar nos conjuntos provenientes das proximidades do Guadiana, onde os seixos rolados abundam.

A funcionalidade pouco especializada dos percutores, torna difícil identificar o leque de actividades que podem ter desempenhado. Algumas das funções propostas, relacionam-se com a picotagem para reavivamento da superfície activa dos dormentes de mós manuais e, em alguns contextos, com a pulverização dos minérios de cobre para fundição (Gonçalves, 1989a, vol. 1, p. 126, 129).

O acréscimo percentual que estes artefactos sofreram, em paralelo com o processo de expansão e consolidação da economia agrícola, sugere, igualmente, uma eventual relação com a utilização da pedra polida: a percussão quase sistemática dos talões dos machados, que efectivamente funcionaram também como cunhas, deve, logicamente, ter sido produzida pela acção de percutores de quartzo ou quartzito.

A percentagem excepcionalmente elevada dos percutores, especialmente em alguns sítios com poucos materiais, prende-se também, naturalmente, com as condições de visibilidade do solo, sendo que os percutores (e as mós), devido às dimensões e às características da matéria-prima, são, frequentemente, os objectos de mais fácil detecção.

8. 2. 2. 1. 6. As mós

Os elementos de mós manuais, geralmente feitos de rochas granitóides ou grauaque, são outra componente da cultura material cujo acréscimo se verificou em paralelo com a pedra polida e os percutores, a partir do Neolítico Final.

Note-se que a tradicional vinculação das mós manuais à agricultura cerealífera, tem sido relativizada em alguns contextos concretos (Acosta e Pellicer, 1990, p. 34; Senna-Martinez, 1993, p. 70), dependendo naturalmente a respectiva interpretação funcional, da obtenção de dados directos que só as escavações podem vir a fornecer.

Um dos aspectos que, na região da serra d'Ossa, me parece desde logo mais assinalável, é o elevado número de mós manuais (moventes e dormentes) que ocorreram como achados isolados ou com pouco material associado, em sítios em que dificilmente se arriscaria uma classificação como povoados.

Essa proliferação de mós manuais, isoladas de qualquer contexto relevante, foi também anotada nas prospecções luso-britânicas da região de Évora, em que estes achados ultrapassaram de longe o número de povoados registados (Burgess, 1987, p. 80, Fig. 16, p. 73, Fig. 9).

Creio que a explicação deste fenómeno pode assentar num certo tipo de mobilidade das comunidades do Neolítico Final-Calcolítico, envolvendo eventuais campanhas de trabalhos agrícolas, movimentações de rebanhos, expedições de caça, procura de matérias-primas, etc.

Um tal quadro de ocupação e exploração do território, só pode, evidentemente, vir a ser delineado na sequência de trabalhos de prospecção minuciosos, em que sejam registados todos os tipos de vestígios e não apenas os sítios classificáveis como povoados.

É verosímil, noutra perspectiva, que as mós isoladas correspondam a locais de enteramento ou, de qualquer modo, com implicações rituais. De facto, tem-se insistido, ultimamente, na regular inclusão de fragmentos de mós manuais nas construções megalíticas, funerárias ou não, havendo mesmo um caso em que um dormente foi implantado como menir (Cardoso, 1996).

Na Bacia Média do Guadiana, para referir apenas uma das áreas limítrofes mais intensamente prospectadas, ao lado de um elevado número de povoados bem caracterizados, referem-se apenas alguns "sítios com cerâmica" e raras oficinas líticas (Enríquez, 1990, p. 35), sem qualquer paralelo com a diversidade de situações com que actualmente contamos na região da serra d'Ossa.

8. 2. 2. 1. 7. Objectos relacionados com a metalurgia

Os vestígios de metalurgia na região da serra d'Ossa resumem-se praticamente ao povoado da Fonte Ferrenha, com 76 bordos de cadinhos ou moldes e muitos fragmentos sem bordo. Ocorrem igualmente, em quantidade apreciável, escórias de fundição com óxidos de cobre e restos de minério cuprífero.

Os resultados preliminares das análises metalográficas, efectuadas no Departamento de Geociências da Universidade de Aveiro, sobre três amostras de escórias recolhidas na Fonte Ferrenha, indicam a presença de cobre e ferro, como elementos dominantes e, em duas delas, a presença vestigial de arsénio; o estanho, por sua vez, não ocorre em nenhuma das amostras analisadas. Por outro lado, note-se que, no Registo de Minas da Câmara Municipal de Redondo, se encontra inscrita uma ocorrência de cobre e arsénio, em plena serra d'Ossa, a cerca de 3 km da Fonte Ferrenha (informação pessoal de J. Perdigão).

O estanho, por outro lado, raro no Alentejo, ocorre de um modo significativo, alguns quilómetros a Norte da região da serra d'Ossa, precisamente na área granítica da região de Elvas (Gamito, 1988).

É de assinalar, desde já, a total exclusão de artefactos metálicos, na Fonte Ferrenha, conquanto tenham sido recolhidos uma ponta de cobre no povoado das Pereiras e dois fragmentos de objectos não identificados no do S. Pedro, este último também com um fragmento de escória de fundição de cobre.

Os possíveis algaravizes recolhidos no Monte da Ribeira (Estampa 32, 4 e 5), parecem pouco convincentes, dada a ausência de outras evidências, pelo que são referidos com muitas reservas.

No Famão recolheram-se dois fragmentos de escória de cobre, sem qualquer outro vestígio, enquanto na Vinha, uma peça de barro com o aspecto de ter sido submetida a elevadas temperaturas, com a cor acinzentada típica dos cadinhos, mas sem restos de fundição aderentes, exige igualmente algumas interrogações.

8. 2. 2. 1. 8. Outros

De entre os diversos objectos recolhidos que foram incluídos nesta categoria, destacam-se os artefactos relacionáveis com o sagrado, como os “ídolos de cornos”, os ídolos de calcário, as placas de xisto e os báculos, entre os mais significativos.

Na área deste estudo, os ídolos de cornos ocorrem exclusivamente em associação com carenas e com peças de bordo espessado. Em termos cronológicos, implicam um início no Neolítico Final-Calcolítico, eventualmente nos finais do IV milénio a.C. e uma continuidade possivelmente até meados do III.

Quanto ao significado funcional destes artefactos, importa acentuar que os exemplares recolhidos nos povoados da região da serra d’Ossa não abonam a favor da sua utilização como suportes de lareira, uma vez que nenhum deles apresenta os inevitáveis vestígios de exposição prolongada ao fogo.

A peça do Monte da Ribeira (Estampa 29), em particular, “de dimensões ainda mais reduzidas que as habituais, e com a perfuração apenas indicada, não parece (tal como a maioria dos “ídolos de cornos” do Cerro do Castelo de Santa Justa) apresentar quaisquer possibilidades funcionais” (Gonçalves, 1989a, vol. 1, p. 452).

Um conjunto recentemente estudado de peças deste género, provenientes do Castro de Vila Nova de S. Pedro (Gonçalves, J. L., 1994), reforça aparentemente o respectivo carácter ritual, particularmente atendendo à ocorrência de peças de dimensões diminutas, impróprias para as funções que lhes têm sido alternativamente atribuídas (Cardoso e Ferreira, 1990; Cardoso, 1992a).

Na Extremadura e Andaluzia são igualmente frequentes, nomeadamente nos grandes povoados abertos de La Pijotilla (Hurtado, 1984, p. 109, 154) e Valencina de la Concepción (Fernández e Oliva, 1985, p. 55), onde foram também interpretados como ídolos; no primeiro caso, recuperaram-se, aliás, algumas “versões” em mármore o que, na opinião do responsável pelas escavações, significaria, “no mínimo, (...) uma sublimação de um objecto funcional” (Hurtado, 1984, p. 560).

A distribuição dos “ídolos de cornos”, no território nacional, acentua o carácter “sulista” do fenómeno (Gonçalves, 1989a, vol. 1, p. 453, fig. 8 n.º 20); recentemente, porém, foram identificadas também peças análogas, em dois povoados calcolíticos do planalto mirandês, com alguns paralelos na Meseta Norte espanhola (Sanches, 1992, p. 94).

Quanto aos ídolos de calcário, tão frequentes nos enterramentos e nos povoados (Cardoso, 1994, fig. 132, n.º 1) da Extremadura portuguesa e bastante bem representados em La Pijotilla (Hurtado, 1984, p. 109, fig. 49, n.º 10; p. 154) ou na Andaluzia (Fernández, 1989,

p. 400; Fernández e Oliva, 1986, p. 27), apenas se registou, na região da serra d'Ossa, a ocorrência de um exemplar de pequenas dimensões (Estampa 85, n.º 10), no povoado da Salgada, numa área onde, aliás, a matéria-prima é abundante e que, segundo informação pessoal de V. Hurtado, poderia ser a origem do próprio material dos ídolos marmóreos de La Pijotilla.

As placas de xisto, bem representadas nos conjuntos funerários da região, estão-no muito menos nos locais de *habitat* (Gonçalves, 1992, p. 72-91; Caninas e Henriques, 1994). A ocorrência de alguns exemplares, geralmente fragmentados, não garante, no entanto, o seu uso pelos vivos (Molina, 1980, p. 106), mas provavelmente apenas o seu fabrico (Gonçalves, 1987, p. 15).

No povoado da Candeeira (440. 29) (Estampa 32, n.º 8), com escassos materiais de superfície, recolheu-se uma pequena placa de xisto verde-acinzentado, sem orifício de suspensão e com uma decoração muito tosca; parece tratar-se de um esboço inacabado, que poderia indicar uma fase (de aprendizagem ?) do fabrico destes artefactos.

No caso da Fonte Ferrenha, a presença de um fragmento (Estampa 13, n.º 14), pode implicar uma sobrevivência das placas de xisto até momentos um tanto tardios; considerando os dados disponíveis, pode afirmar-se que “a fabricação do conhecido artefacto ideotécnico seria um fenómeno ainda comum na primeira metade do terceiro milénio “ (Gonçalves, 1987, p. 15), o que não implica que não tivesse perdurado, mesmo que residual, até aos finais deste milénio.

É certo que, teoricamente, a placa da Fonte Ferrenha pode provir da violação de um monumento megalítico, eventualmente praticada pelos habitantes do povoado; nesse sentido, recorde-se que a intrusão campaniforme na anta das Casas do Canal, implicou uma reorganização, embora marginal, do espaço funerário e que essas acções podiam, nalguns casos, culminar com a subtracção de objectos relacionados com enterramentos mais antigos.

Uma origem semelhante seria tentadora para explicar a sobrevivência em contextos tardios, nomeadamente na Fonte Ferrenha, de artefactos de pedra polida de feição arcaizante, absolutamente ausentes, por exemplo, no Monte da Ribeira.

Os restantes fragmentos de placas (Estampa 32, n.º 9 e n.º 11) e o báculo (Estampa 44, n.º 4) foram recolhidos nos arredores de sepulturas megalíticas, de cujas violações presumivelmente resultam.

Outro grupo de artefactos com escassa incidência nos conjuntos da região são as plaquetas de xisto, objectos votivos ou de adorno, de diferentes morfologias, mas sempre sem qualquer motivo decorativo.

Recolhemo-los na Salgada, apenas duas peças, além de cinco exemplares no S. Pedro; os paralelos para este tipo de artefactos aparecem, na Extremadura, em contextos do Calcolítico Pleno (Enríquez, 1990, p. 158), como é o caso do povoado de Las Viñas e em momentos mais tardios, no Horizonte do Bronze Pleno do povoado de Solana del Castillo de Alange (Pavón, 1994, p. 120; fig. 87, n.º 19; fig. 89, n.º 26).

A variante mais comum em conjuntos do Neolítico Final-Calcolítico, são os pingentes de xisto (Bueno, 1988, p. 58; Cardoso, 1994, fig. 134; Leisner e Leisner, 1951, p. 139 e 149, Est. 15, n.º 18, Est. 23, n.º 102); alguns destes apresentam decoração análoga à das placas de xisto (Cardoso, 1992b, p. 114, 115; Est. 46; Correia, 1921, p. 18; Fig. 7, 1 e 2; Leisner e Leisner, 1951, p. 149), sugerindo algum tipo de conexão entre uns e outros.

Põe-se igualmente a possibilidade de algumas plaquetas serem fragmentos de ídolos almerienses, também reconhecidos em enterramentos do Sul do país e com os quais mantêm, de todos os modos, alguma familiaridade morfológica (Gonçalves, 1992, p. 91-92).

Na Bacia Média do Guadiana, conhecem-se vários exemplares de um tipo denominado “bastões de comando” ou “bétilos-bastões” cuja área de distribuição é, por enquanto, exclusivamente estremenha (Enríquez, 1990, p. 222); têm em comum com os artefactos atrás referidos o facto de serem igualmente de xisto polido e, aparentemente, de carácter ideotécnico.

Na Fonte Ferrenha, recuperou-se também um objecto fragmentado, de barro (Estampa 10, n.º 6), cuja forma sugere alguma remota conexão com a iconografia dos ídolos almerienses, se bem que os paralelos conhecidos se reportem na verdade a contextos com cerâmica campaniforme, em povoados de acentuada vocação minero-metalúrgica: S. Brás 1 (Pareira, 1983, p. 159, Fig. 6 n.º 1) e Três Moinhos (Soares, 1992, p. 296, Fig. 7, n.º 12).

O exemplar de S. Brás, com alguns detalhes de carácter antropomórfico (olhos e seios), aparenta-se, por seu turno, a duas peças provenientes da camada superficial do Monte da Tumba (Silva e Soares, 1987, p. 64, Fig. 28, n.º 5 e 6).

Um tipo de objecto de adorno muito raro nos materiais de superfície dos povoados é, naturalmente, representado pelas contas de colar, o que, em boa parte, resulta da dificuldade de detecção destes artefactos. Se excluirmos as duas peças de cerâmica da Fonte Ferrenha (Estampa 13, 10 e 11), cujos únicos paralelos, na região, são já do Bronze final (Arnaud, 1979, p. 69; Calado, 1993a, p. 71, Fig. 23), resta-nos uma pequena conta de colar bicónica de xisto, no povoado de S. Pedro e uma outra de pedra verde do povoado da Vigária (Estampa 92, n.º 7), sendo que ambos os tipos são muito conhecidos nos contextos funerários megalíticos da região.

Os cinchos ou coadores, sobre os quais já teci algumas considerações a propósito do povoado neolítico da Carrascosa (Évora), são também peças relativamente raras (cinco povoados) e, quando ocorrem, são percentualmente escassas. A morfologia dos fragmentos recolhidos não permite, em nenhum deles, determinar a forma geral, pelo que persiste a dúvida quanto à respectiva interpretação funcional.

As colheres (de barro) são ainda menos frequentes, tendo ocorrido apenas nos povoados da Fonte Ferrenha, Monte da Ribeira e Salgada, os três sítios com maior volume de materiais recolhidos. Esta raridade indica, provavelmente, um uso especializado destes artefactos, numericamente incompatíveis com uma utilização quotidiana e generalizada.

Relacionado com a fabricação de tecidos registei também um único fragmento de cosoiro, proveniente do povoado do Monte da Ribeira, onde a quantidade e a variedade de pesos de tear se destaca de forma notável. Na Vigária, recolhi, por outro lado, um curioso fragmento de barro de cabanas com um negativo de tecido, em estudo pelo Prof. Doutor Victor Gonçalves.

Na Perdigoa e em Claros Montes, (Estampa 71, 1 e Estampa 94, 12) foram identificados os dois únicos exemplares de um tipo de objectos relativamente conhecidos, embora com uma grande diversidade morfológica, em que o elemento mais comum é um sulco polido de secção em U mais ou menos aberto, eventualmente utilizado para polir contas de colar ou outros objectos, embora diversas outras leituras tenham sido igualmente propostas (Enriquez, 1990, p. 218-221).

Os paralelos mais próximos encontram-se na Sala N.º 1 (Gonçalves, 1987, Fig. 6, n.º 5), no povoado de S. Lourenço (Gonçalves e Calado, no prelo), na Serra de Ficalho, onde foi interpretado como “indireitador de flechas” (Soares, 1994, p. 173), ou na Bacia Média do Guadiana, no povoados calcolíticos do Cerro del Calvário, La Pijotilla, Vista Alegre e Apeadero de la Zarza de Alange (Enríquez, 1990, p. 220; Hurtado, 1988, p. 51, Fig. 12, n.º 9).

O exemplar de Claros Montes, de arenito, apresenta-se decorado com traços pouco profundos irradiando do sulco central, assemelhando-se a um outro do povoado de La Pijotilla (Hurtado, 1984, p. 64, Fig. 22, 2).

Apesar da aparente funcionalidade do sulco, que efectivamente me parece determinante, a proposta de Almagro Gorbea (Almagro, 1973, p. 70) de classificar estes artefactos como ídolos-vulva, adequa-se relativamente bem às peças de Claros Montes e La Pijotilla, considerando a forma geral e a decoração, assim como à da Sala n.º 1, com um exemplar comparável, das recolhas de superfície de La Dehesa e El Judío, no litoral onubense (Piñon e Bueno, 1988, p. 233, Fig. 78, n.º 3), nestes casos, atendendo apenas à forma.

No exemplar publicado do Apeadero de la Zarza de Alange (Enríquez, 1990, p. 321, Fig. 45), curiosamente, destaca-se um motivo inciso que aparece também nos níveis calcolíticos de Leceia, onde tem como suporte um ídolo cilíndrico de calcário e é interpretado como uma “representação do órgão sexual feminino” (Cardoso, 1994, p. Fig. 133), o que, sem afastar completamente o significado funcional do artefacto, lhe acentua o eventual valor iconográfico.

8. 2. 2. 2. Povoados, santuários e necrópoles.

Não se conhecem, com a mínima segurança, os santuários do Neolítico Final-Calcolítico. De facto, a bibliografia apenas refere como tal os cromeleques e as pedras com covinhas, sendo necessário admitir que a própria funcionalidade duns e doutras, como verdadeiros santuários, não passa de uma hipótese, plausível e tacitamente reconhecida.

Quanto aos primeiros, não parece haver grandes dúvidas sobre a sua continuidade funcional ao longo do Neolítico Final-Calcolítico, mesmo que com significados e funções já muito transfigurados; a estrutura construída à volta de um dos menires dos Perdígões parece confirmar ambos as afirmações, tal como acontece com a gravação de covinhas nas faces expostas dos monólitos tombados (Gomes, 1989).

Na região da serra d’Ossa, o único sítio desta categoria é o Carrascal (440. 21). Nas imediações foram recolhidos, como referi, alguns artefactos pré-históricos, de provável filiação neolítica, numa área de grandes afloramentos semi-destruídos por pedreiras, o Carrascal 2 (440. 22). É possível, naturalmente, que os menires do Carrascal tenham sido “utilizados” pelos habitantes dos povoados calcolíticos mais próximos, nomeadamente o Monte da Ribeira, Caladinho, S. Pedro ou os pequenos núcleos reconhecidos nos arredores, se bem que não haja nenhum indício dessa eventual utilização.

Quanto às pedras com covinhas, as associações mais credíveis observam-se nos povoados de Claros Montes (410. 7), em cuja área central se destaca um grande painel com covinhas e com vários outros identificados nas redondezas, no povoado da Comenda do Meio (438. 7), em que se pode observar um conjunto de painéis com covinhas e um cruciforme, na área mais elevada do cabeço, e no povoado da Glória (426. 4), com materiais muito escassos e apenas um pequeno painel decorado com dez covinhas.

Particularmente interessantes são os “santuários” da Horta da Ribeira (451. 2) (Calado e Bairinhas, 1993), e da Talisca (426. 12) (Estampa 101, 2, 3), ambos integrados em enigmáticos recintos de cronologia e funcionalidade indeterminadas, e localizados a menos de 500 m de dois povoados calcolíticos muito semelhantes em termos de conjuntos artefactuais e de implantação, o Monte da Ribeira e a Salgada, respectivamente.

As pedras com covinhas do Penedo de Magalhães (440. 3) e das Martes (439. 6), por outro lado, aparecem junto ao limite de dois povoados da Idade do Bronze, o que, pelo menos nestes casos, pode implicar uma cronologia tardia.

Finalmente, destaca-se ainda o “santuário” com covinhas do Poio Grande (451. 14), muito próximo do conjunto megalítico do Lucas e o único, conhecido na região, em que o

painel decorado aproveitou uma parede vertical (Calado, 1993a, p. 60, 69); trata-se de um abrigo rochoso natural, também ele pouco frequente na geologia da região, aberto numa parede xistosa a pique sobre um afluente da margem direita do Lucefece.

A cronologia das pedras com covinhas não parece encaixar facilmente em nenhum dos períodos em que, por necessidade metodológica, temos que compartimentar o *continuum* temporal (Anati, 1967, p. 85; Baptista, 1983-84, p. 68; Fortea, 1991, p. 151, 152; Silva e Cunha, 1986, p. 156).

Efectivamente, a análise dos dados referentes à região da serra d'Ossa e à região de Évora parece afastar, desde já, a hipótese de uma cronologia integrável no Neolítico Antigo-Médio: na área em que se concentram os povoados mais antigos de Évora, em torno da Valada do Mato, não foi referenciada nenhuma pedra com covinhas; em contrapartida, na periferia desta área nuclear, a par dos únicos povoados do Neolítico Final-Calcolítico (Valeira, Godel, Alto de S. Bento), registaram-se alguns casos, relativamente expressivos (Calado e Sarantopoulos, 1996, Fig. 2).

A gravação da mesma temática decorativa nos menires tombados ou nos topos dos chapéus de muitas antas, sugere também uma época posterior ao colapso dos menires e ao início da erosão da mamoa que, como se supõe, recobriria a maioria ou mesmo a totalidade das antas da região. Este argumento esbarra, porém, no que concerne aos chapéus das antas, com a evidência de gravuras em áreas dos esteios ocultas pelas mamoas.

Note-se que na entrada do corredor da anta OP2, aquando das profundas remodelações estruturais do monumento, numa altura em que foram construídas novas sepulturas ligadas ao corredor original, foram acrescentadas duas lajes de xisto decoradas com covinhas, cuja cronologia não deve, portanto, ser anterior à data da fundação do *tholos* OP2b, algures ainda na primeira metade do III milénio (Gonçalves, 1994, p. 119); esta hipótese é coerente com as referidas associações das covinhas aos povoados do Neolítico Final-Calcolítico da serra d'Ossa, embora seja igualmente indiscutível a sobrevivência deste tema até, pelo menos, ao Bronze final, como o atestam algumas estelas do Bronze do Sudoeste ou as sugestivas associações a povoados do Bronze Final, atrás mencionadas.

Como se sabe, a Sul do Complexo da Arte do Tejo, as gravuras rupestres pós-paleolíticas raras vezes contemplam outros temas para além das covinhas. Na realidade, na região da serra d'Ossa, apenas se reconheceu o cruciforme da Comenda do Meio (438. 7), um povoado da bacia do Divor; ainda nesta unidade fisiográfica, mas já fora do âmbito geográfico deste trabalho, próximo de Santana do Campo (Arraiolos) (Correia, 1921, p. 102-107) (Estampa 103, 5 e 6), e entre Pavia e Brotas (Zbyszewski, Viana e Ferreira, 1977) conhecem-se, excepcionalmente, algumas rochas profusamente decoradas com cruciformes, antropomorfos e covinhas.

Ainda no Alentejo Central, são particularmente conhecidas as rochas decoradas do "santuário" exterior do Escoural que, na versão dos escavadores, teriam sido sobrepostas pelas muralhas calcolíticas, facto que se explicaria como uma certa forma de profanação ou, no mínimo, pelo abandono do valor mágico-religioso das mesmas.

Esta circunstância permitir-nos-ia datar as gravuras de um momento anterior à construção das muralhas, eventualmente o Neolítico Final ou o Calcolítico Inicial; no entanto, a representação de temas geralmente considerados mais tardios, os bucrâneos e o arado, suscita algumas reservas que os dados estratigráficos publicados não conseguem desvanecer de todo (Gomes, Gomes e Santos, 1994).

Por último, note-se que, na presente área de estudo, as covinhas foram gravadas tanto em suportes de rochas granitóides (52%) como em lajes ou afloramentos do complexo xisto-grauváquico (48%), não se conhecendo, por enquanto, nenhum caso nos mármore

do Maciço Calcário, o que pode, mais uma vez, dever-se à sobreexploração de que o mármore tem sido objecto nos últimos séculos.

A contemporaneidade entre as necrópoles megalíticas e os povoados levanta alguns problemas insolúveis, com o tipo de informação com que contamos; não quero, pois, cometer aqui a “imprudência” de atribuir concreta e definitivamente “algumas necrópoles a alguns povoados” (Gonçalves, 1993d, p. 13). Resta-nos, com base numa presumida identidade cultural, em termos genéricos, anotar as correlações espaciais entre ambos os fenómenos, enquanto aguardamos novos dados sobre os respectivos significados cronológicos e culturais.

Nesse sentido, a relação entre o povoamento Neolítico Final-Calcolítico e a arquitectura funerária, no Sudoeste peninsular, foi recentemente caracterizada em termos de uma grande diversificação regional (Jorge, 1994, p. 480, 481); de facto, em 34 povoados analisados nesse trabalho, apenas 10 apresentam alguma relação espacial com necrópoles conhecidas, e dentro desses, a tónica é colocada na ausência de padrões reconhecíveis.

Na região da serra d’Ossa, um primeiro olhar sobre a distribuição dos vestígios permite-nos observar, desde já, algumas coincidências bem definidas, mas sobretudo muitas discrepâncias difíceis de explicar, no que se refere à proximidade espacial entre os povoados e as necrópoles.

A coincidência mais expressiva é a que se verifica na bacia do Degebe, área comparável, em vários aspectos (inclusive hidrográficos), aos territórios megalíticos de Reguengos de Monsaraz ou de Évora, dos quais constitui, em termos paisagísticos, a extensão mais setentrional.

De facto, alguns monumentos funerários parecem estreitamente relacionados com alguns povoados, em cujas imediações se situam; estão neste caso, os povoados do Colmeiro 1 (439. 15), Colmeiro 2 (439. 16), Caladinho (451. 6) e Vinha (451. 13), com distâncias, à anta mais próxima, inferiores a 300 m; em termos gerais, a maioria dos povoados do Neolítico Final-Calcolítico desta área localiza-se a menos de 1 km de uma anta conhecida.

Apenas nesta Unidade Fisiográfica (e, com algumas reservas, no Maciço calcário), se reconheceram, até à data, sepulturas de falsa cúpula. Trata-se dos restos de três possíveis *tholoi*, um no sopé ocidental (Caladinho), outro no topo (Ambrósios) da crista do Redondo, formação geológica muito destacada na paisagem e que separa a bacia do Degebe da bacia do Lucefece (Calado, 1993a, p. 84, 85) e um possível terceiro, num cabeço destacado, adjacente aos povoados do Neolítico Final-Calcolítico do Almo (450. 9) e da Godinha de Baixo (450. 8); também os outros monumentos se devem relacionar ambos com os referidos povoados calcolíticos de altura que controlam as extremidades da crista : Caladinho e Vinha.

Nas bacias do Lucefece e da Asseca, a rede de povoamento Neolítico Final-Calcolítico sugere uma malha larga que a dispersão das sepulturas megalíticas também denuncia (Calado, 1993a, p. 163); no entanto, são pouco claras as associações espaciais entre estas e os povoados. Nota-se, por exemplo, um vazio de megalitismo no território controlado pelo povoado da Serra da Sina (463. 2) e um povoamento muito esbatido no da anta de S. Luzia (Calado, 1993a, p. 100, 102 e 105).

As antas da Mina do Bugalho (Calado, 1993a, p. 38 e 41, Fig. 10), com alguns pequenos habitats nas imediações, podem talvez articular-se com o povoado do Cubo (441. 20), que parece atribuível, ergologicamente, à primeira metade do III milénio.

No caso das antas do Lucas, a mais densa mancha megalítica de toda esta área, surpreende também o aparente isolamento em relação aos povoados conhecidos na região, embora se tenham identificado alguns povoados calcolíticos, num raio de 5 km (Caladinho, Vinha, Castelo Velho ou S. Gens).

Em todo o Maciço Calcário resistem hoje apenas os restos de duas antas: a da Sra. da Conceição, com vestígios de um pequeno povoado (425. 3) na área envolvente e a da Lagoa, pequeno monumento inédito, com esteios de xisto (Estampa 101, 1), a cerca de 500 m do povoado das Boiças (426. 10) e apenas 1 km do povoado de S. Lourenço das Boiças (426. 9). Os possíveis *tholoi* noticiados pelo Padre Espanca, hoje inexistentes, localizar-se-iam, por seu turno, nas imediações do povoado da Vigária (440. 10).

Um grande povoado como a Salgada (426. 13) ou outros menos destacados como a Encostinha (426. 18), o Outeiro da Cardiga (426. 8) ou a Atalaia (426. 19), não apresentam, nas áreas imediatas, qualquer indício sobre locais ou rituais de enterramento.

Neste aspecto, convém recordar que as sepulturas de La Pijotilla ou o *tholos* OP2b, por exemplo, só foram conhecidos na sequência das escavações, pelo que este capítulo deve permanecer em aberto.

Na bacia da Tera, uma densíssima concentração de sepulturas megalíticas, na área de Pavia (Correia, 1921), e outro conjunto apreciável, junto à serra d'Ossa (Leisner e Leisner, 1955), contrastam com um povoamento pouco impressionante, se abrirmos uma excepção para o caso de Claros Montes (410. 7).

Arrumado à ribeira de Tera, ao lado de uma boa nascente e com bons solos no raio de 1 km, Claros Montes é um povoado aberto que, a avaliar por alguns elementos do espólio e pelo contexto arqueológico, deve ter tido uma origem no Neolítico Final, com uma certa continuidade, eventualmente até à Idade do Bronze; a cartografia permite, por outro lado, observar uma aparente centralidade de Claros Montes em relação ao arco formado pelas antas de Claros Montes, Caeira, Santo Espírito, etc., as quais acompanham de perto o curso da ribeira de Tera.

Apesar de as prospecções neste sector terem sido bastante persistentes, não se reconheceu mais nenhum verdadeiro povoado que pudesse explicar o número e a dimensão dos monumentos. Uma das antas de Claros Montes, localiza-se mesmo na orla do povoado, embora, mais uma vez, a contemporaneidade de ambos necessite de uma melhor clarificação.

Esta proximidade excessiva para que não haja, pelo menos, uma contemporaneidade parcial, verificou-se igualmente, no povoado aberto da Mangancha (Gonçalves, 1994) com duas antas a demarcarem-lhe, por defeito, os limites Norte e Leste.

No que diz respeito ao troço superior da bacia da Tera (Leisner e Leisner, 1955), os povoados identificados, Foro do Ferreiro (425. 10) e Foro de S. Bento (425. 12), o primeiro deles com uma carena e o outro com um instrumento de pedra polida de secção rectangular, não bastam para compreender a relativa densidade de monumentos funerários. Porém, devido principalmente às dificuldades de transitabilidade, esta área carece, por enquanto, de prospecções suficientes. Note-se que se trata de um troço da serra d'Ossa profundamente afectado pelas eucaliptizações dos anos 50-60.

8. 2. 2. 3. Povoamento, territórios e recursos naturais.

O povoamento do Neolítico Final-Calcolítico da região da serra d'Ossa, cujas diacronias e sincronias tenho vindo, pontualmente a discutir e que procurarei sistematizar no capítulo 9, apresenta uma grande diversidade em termos espaciais e artefactuais, uma parte da qual se deve relacionar com as características particulares de cada Unidade Fisiográfica.

No conjunto, foram classificados como povoados atribuíveis àquela época, 61 sítios; outros 23, devido à ausência de indicadores suficientes, foram classificados como indeterminados, embora a maioria destes se possa, com algumas reservas, integrar também no

Neolítico Final-Calcolítico; estão neste caso, por exemplo, seis sítios com mós manuais, três com machados de secção rectangular, outros dois com barro de cabanas, sendo que em todos eles apenas se reconheceu a presença de cerâmica lisa.

Os achados dispersos (128 sítios), alguns dos quais podem vir, juntamente com os achados isolados, a revelar-se como verdadeiros locais de *habitat*, ainda que modestos, devem também, na maioria dos casos, integrar-se no Neolítico Final-Calcolítico. De notar que em 71 (55%) desses sítios se recolheram percutores de quartzo ou quartzito, em 39 casos (30%) registaram-se mós manuais e, em 6 deles (5%), também instrumentos de pedra polida de secção poligonal.

Por fim, entre os achados isolados, peças normalmente desprovidas de qualquer contexto, de que foram registados, no total, 49 ocorrências, 15 (31%) correspondem a moventes ou dormentes de mó manual, 5 (10%) são percutores, 10 (20%) são artefactos de pedra lascada, a maioria dos quais de quartzito (80%).

Note-se que a atribuição funcional dos achados isolados ou insuficientemente contextualizados levanta, com muita frequência, dificuldades difíceis de transpor; como se sabe, a relação entre os materiais de superfície e a realidade arqueológica soterrada é, quase sempre, impossível de estabelecer sem recurso à escavação.

No entanto, alguns destes achados podem, sem grande risco, ser interpretados como áreas de actividade ou *habitats* marginais dependentes de autênticos povoados situados nas proximidades. Estão neste caso, por exemplo, os sítios cartografados em torno do Castelo Ventoso (438. 16), da Perdigoa (441. 43), do S. Pedro (451. 9), da Serra da Sina (463. 2), etc.

Considerando a região da serra d'Ossa como um todo, verifica-se uma densidade de cerca de 1 povoado por cada 33 km². No entanto, e como seria de esperar numa área tão heterogénea, estes valores variam de um modo sensível, quando se trata separadamente cada Unidade Fisiográfica: a maior densidade de povoados identificados encontra-se no Maciço Calcário, com uma média de 1 sítio de *habitat* por cada 13 km², seguido da Bacia do Degebe, com 1/15 km² e da serra d'Ossa com 1/18 km². Pelo contrário, os valores mais baixos observam-se na Bacia do Almadafe (1/116 km²), seguida das Bacias do Lucefece e da Tera ambos com cerca de 1/35 km², respectivamente.

Porém, se analisarmos o total de sítios registados, a média, para a totalidade da área de estudo, situa-se em cerca de 1 sítio por cada 7 km²; dentro do conjunto das Unidades Fisiográficas, é a bacia da Asseca que apresenta distintamente a maior concentração de vestígios, com perto de um sítio por cada 3,5 km², seguida da Bacia do Degebe com 1/5,5 km² e da Bacias do Lucefece e do Maciço Calcário, com 1/6,7 km² e 6,9 km², respectivamente. A densidade de sítios registados desce abruptamente, mais uma vez, na Bacia do Almadafe, em que contamos com 1 sítio por cada 29 km² e, moderadamente, nas Bacias da Tera (1/15 km²) e na Bacia do Divor ou na serra d'Ossa, ambos com 1/11 km².

No maciço da serra d'Ossa, a densidade relativamente elevada de povoados, parece estar em contradição com as factores de implantação em presença: os solos são magros, a água escasseia e a transitabilidade é reduzida.

No entanto, o que se verifica é a ausência de povoados nas áreas de maior altitude, acima dos 400 m, onde se vieram mais tarde, no Bronze final, a instalar os grandes povoados fortificados da região — Castelo, S. Gens e Evoramonte; a maioria, usufruindo da defensabilidade excepcional proporcionada pelas escarpas de falha da serra d'Ossa, implantou-se no limiar dos vales que a delimitam, perto dos recursos mineiros e/ou dos bons solos agrícolas que se encontram, por exemplo, na Bacia do Lucefece (Fonte Ferrenha), na Bacia do Degebe (Argolia, Pica na Velha), ou na Bacia da Tera (Foro de S. Bento, Foro do Ferreiro, S. Lourenço).

Na Bacia do Degebe, cuja conexão geográfica e cultural com as áreas megalíticas de Reguengos e de Évora já foi aqui sublinhada, encontram-se os mesmos factores de implantação atrás referidos, à excepção da riqueza dos recursos aquíferos subterrâneos e da disponibilidade local do minério de cobre. Note-se que, nesta área, afloram também os anfibolitos, matéria-prima que tem sido apontada como objecto de redes de intercâmbio inter-regionais e que, mesmo regionalmente, pode ter gerado circuitos de alguma importância.

A disparidade entre a densidade de povoados e de achados dispersos, na Bacia da Asseca, deve-se, em primeiro lugar, ao facto de toda a margem direita do Guadiana ter sido alvo de prospecções bastante sistemáticas (Projecto Arqueológico do Alqueva e Carta Arqueológica do Alandroal), o que permitiu a descoberta de muitos sítios que teriam sido ignorados com uma estratégia mais selectiva; não podemos, por outro lado, esquecer que a maioria (53%) dos achados registados nesta área corresponde a conjuntos em que a percentagem dos artefactos macrolíticos de tipo languedocense é igual ou superior a 50% do total de peças recolhidas.

Trata-se de um fenómeno cuja representação cartográfica deveria, efectivamente, ser uma mancha quase contínua, com densidades diferenciadas, mas praticamente sem solução de continuidade, tal como se verificou nos arredores do Monte do Charqueirão e, de uma maneira menos controlada, nas prospecções sistemáticas da área da Perdigoa e Chapim.

Neste caso concreto, embora se tenha anotado a dispersão contínua dos materiais languedocenses, nalguns pontos associados a cerâmica lisa e percutores ou elementos de mós manuais, procurou-se registar pontualmente as mais evidentes concentrações. No entanto, tornou-se claro que, em geral, seria vantajosa uma metodologia de registo *off-site* (Schofield, 1991, p. 4; Mills, 1987, p. 122; Schadla-Hall e Shennan, 1980, p. 94), o que, sendo logisticamente incomportável para a totalidade da área em que ocorrem os materiais languedocenses, pode efectivamente vir a ser posto em prática em zonas limitadas, com cobertura do solo adequada à prospecção em linha, como acontece, por exemplo, nos arredores do Monte do Charqueirão.

No Maciço Calcário a elevada densidade de povoados registados, particularmente nas cabeceiras do Lucefece, inscreve-se numa série de condições ambientais claramente favoráveis, de que se destacam a abundância de água e a disponibilidade de solos agrícolas; a diversidade topográfica, adequada tanto à instalação de povoados abertos, como de sítios com condições naturais de defesa; a transitabilidade natural do patamar, articulado com o festo principal Tejo-Guadiana; a favorável exposição solar e, finalmente, as ocorrências de mineralizações cupríferas.

A Bacia do Almadafé, por seu turno, apresenta a menor densidade tanto em termos de sítios registados como de povoados; trata-se de uma área com paisagem muito indiferenciada, em que, como é natural, as prospecções selectivas são sempre menos eficazes. Não deixa, no entanto, de ser sugestivo o vazio de povoamento pré-histórico, na maior parte da bacia terciária do Tejo; de facto, os dados actualmente disponíveis indiciam a existência de uma “terra de ninguém”, uma extensa área desabitada, ou ocupada apenas muito pontualmente, que se estende entre o Maciço Antigo e os limites do antigo estuário do Tejo.

A fraca densidade relativa de sítios pré-históricos, patente na Bacia da Tera, deve-se também, em parte, a deficiências de prospecção; porém, a reduzida capacidade de uso agrícola dos solos, na maior parte desta Unidade Fisiográfica, deve também ter contribuído significativamente para a imagem de que actualmente dispomos.

Finalmente, na bacia do Divôr, análoga em termos fisiográficos à bacia do Degebe, deparamos com uma impressionante rede de povoamento instalada em cabeços ou esporões, em que o substrato é constituído geralmente de rochas metamórficas, controlando os solos férteis da planície quartzodiorítica adjacente. A ausência de povoados abertos deve-se, de acordo com as estratégias de povoamento que se começam a delinear na região, à insuficiência das prospecções nas áreas topograficamente mais indiferenciadas.

No conjunto, podemos afirmar que, apesar do aprofundamento diferencial dos diversos territórios em análise, a densidade do povoamento localizado é largamente superior à média obtida noutras áreas próximas, também elas intensamente prospectadas.

O melhor termo de comparação encontramos-lo nos dados recentes sobre a Bacia Média do Guadiana, na Baixa Extremadura espanhola (Enríquez, 1990, p. 35); nessa região, com cerca de 21.000 km² de área total, foram identificados apenas 71 povoados, ou, se se contabilizarem também os achados dispersos, insuficientemente caracterizados, aquele valor ascenderá a 93 sítios, o que resulta numa densidade de 1 sítio por cada 232,8 km².

Na verdade, as prospecções na Bacia Média do Guadiana foram particularmente exaustivas apenas na “comarca” de Mérida, onde aliás foram aplicados métodos de prospecção sistemática; mesmo assim, a densidade observada nessa “amostra” (1/116,8 km²) é estatisticamente igual àquela que registei na Bacia do Almadafe, que, como se viu, representa a densidade mais baixa em toda a área de estudo, e incomparavelmente inferior às que verificamos no Maciço Calcário ou na Bacia do Degebe, por exemplo.

A distribuição dos povoados apresenta alguns padrões inesperados em termos de sobreposição das áreas de captação de recursos, pelo menos se admitirmos, sem quaisquer reservas, algumas sincronias aparentes; veja-se, por exemplo, a extrema concentração do povoamento nos conjuntos da Salgada, Vigária e Fonte Ferrenha ou do S. Pedro, Caladinho e Monte da Ribeira (Calado e Bairinhas, 1994, p. 178), em cujas áreas se localizam mais uns quantos povoados de menor entidade superficial.

A proximidade de grandes povoados genericamente contemporâneos, verifica-se igualmente no concelho da Vidigueira, no caso da Sala n.º 1 e do S. Lourenço (Gonçalves, 1989a, p. 382); estes sítios não distam mais de um quilómetro entre si e, portanto, partilhariam, em caso de efectiva coexistência, o mesmo território económico e, aparentemente, funerário.

As diferentes estratégias de implantação observadas dentro de cada um destes grupos, podem resultar de uma especialização funcional do povoamento à escala local, o que, à partida, implicaria uma integração dos povoados em redes harmónicas, eventualmente hierarquizadas; no entanto, salvaguardando a hipótese de algumas efectivas contemporaneidades parciais, parece-me mais defensável uma explicação com base na diacronia e nos fenómenos de instabilidade e reorganização das redes de povoamento que, na região, têm um primeiro desenlace ainda na primeira metade do III milénio, conforme as datas disponíveis para Reguengos de Monsaraz permitem suspeitar.

Em termos da relação entre o povoamento do Neolítico Final-Calcolítico e os recursos naturais da região, a evidência disponível parece, inequivocamente, colocar a tónica nos solos com melhor aptidão agrícola, em detrimento das áreas com maior vocação mineira ou outras.

A importância relativa da agricultura é sustentada arqueologicamente através de indicadores indirectos, geralmente muito bem representados, como são as mós manuais e a pedra polida. As formas cerâmicas muito abertas que dominam nos espólios calcolíticos, podem também, com muita verosimilhança, traduzir hábitos alimentares em que o con-

sumo colectivo dos cereais tivesse sido um elemento importante (Gonçalves, 1989a; Martin e Miranda, 1988, p. 64).

Apenas num povoado da região da serra d'Ossa, a Fonte Ferrenha (440. 5), se recolheram testemunhos eloquentes de actividade minero-metalúrgica. Em alguns dos outros — Pero Lobo (441. 2), Vinha (451. 13), S. Pedro (451. 9), Monte da Ribeira (440. 23) e Pereiras (440. 30) — ocorreram igualmente escassos vestígios, sempre pouco consistentes, que serão discutidos no ponto seguinte.

Nas áreas muito ricas em cobre da Mina do Bugalho, dos Mocissos ou do Rosário, no concelho do Alandroal, ou da Fonte Soeiro, no concelho de Vila Viçosa, o povoamento calcolítico é esparso ou inexistente e em nenhum dos povoados destas áreas se observaram sinais de actividade minero-metalúrgica, exceptuando o malho de ranhura do Pero Lobo (Calado, 1993a, p. 35) (Estampa 59, n.º 4; Estampa 99, n.º 1) e outros das imediações da Mina do Bugalho (Domergue, 1987, p. 518).

É certo que, por enquanto, a cronologia dos malhos de ranhura é problemática. Alguns autores admitem a sua utilização, na Península Ibérica, desde o calcolítico (Montero, 1989, p. 8; Rothenberg et al., 1989, p. 62 e 63), à semelhança do que acontece com outras áreas, em que a metalurgia teve um desenvolvimento precoce (Hauptmann, Weisgerber e Bachmann, 1989, p. 45; Jovanovic, 1989, p. 14; Landes, 1989, p. 224); no entanto, parece que, entre nós, a maioria dos que se conhecem com contextos reveladores, são já da Idade do Bronze, alguns mesmo do Bronze Final (Pellicer e Hurtado, 1980, p. 18-19).

O cômputo da informação disponível indica que, à semelhança do que parece ter acontecido em áreas vizinhas igualmente ricas em minério de cobre (Enríquez e Iñesta, 1985, p. 24; Hunt, 1988; Hunt, 1990), os recursos mineiros não começaram a ser efectivamente explorados antes dos finais do III milénio a.C., em paralelo com a emergência das redes de intercâmbio em que também circularam as cerâmicas campaniformes.

Nesta ordem de ideias, a metalurgia, na região da serra d'Ossa, não apareceria como um sério protagonista do processo de calcolitização; a complexificação político-social que se pode deduzir da emergência dos povoados fortificados, por exemplo, parece enquadrar-se preferentemente em esquemas de produção e intercâmbio, em que as novas tecnologias agrícolas poderão ter desempenhado um papel determinante, enquanto intensificadores económicos (Gilman, 1976, 1985; Chapman, 1978).

A competição pelo controlo das técnicas, fontes de abastecimento e, eventualmente, das rotas do comércio dos produtos metálicos, por outro lado, deve ter-se feito sentir apenas nos finais do III milénio, época em que, em função dos dados conhecidos, se assiste, também na região da serra d'Ossa, a um colapso demográfico muito significativo.

O papel restrito da metalurgia na génese do calcolítico do Centro-Sul de Portugal parece sustentado pelos resultados de algumas recentes escavações; em Leceia, por exemplo, o cobre só surge na Camada 2, “numa altura em que toda a fortificação se encontrava já desactivada e em ruína” (Cardoso, 1994, p. 135); também no Monte da Tumba, os primeiros artefactos de cobre ocorrem apenas na Fase II, posteriormente à edificação do primeiro troço de muralhas (Silva e Soares, 1987, p. 33, 42).

Os trabalhos de prospecção desenvolvidos na margem esquerda portuguesa do Guadiana permitiram igualmente verificar uma discrepância entre a implantação dos povoados calcolíticos e as áreas com mineralizações cupríferas (Soares, 1992, Figs. 1 e 3); pelo contrário, estes povoados relacionam-se claramente com os solos agricultáveis da região e, uma boa parte deles, também com a proximidade do Guadiana.

Em contrapartida, a plena confirmação da metalurgia do cobre em povoados com cerâmica campaniforme, verifica-se em boa parte dos povoados calcolíticos do Sul de Portugal,

como aliás foi recentemente observado (Soares, 1992, p. 299). São exemplo disso, os povoados de Três Moinhos, Castelo Velho de Safara (Soares, 1992; Soares, Araújo e Cabral, 1985), Outeiro de S. Bernardo (Bubner, 1979; Soares, 1992), e S. Brás (Parreira, 1983; Soares, 1992).

Também no Alto Ribatejo, o povoado da Fonte Quente, escavado por L. Oosterbeek, ofereceu alguma cerâmica campaniforme em associação com artefactos de cobre (Lillios, 1991, p. 90).

Na Alta Extremadura espanhola, a escavação do povoado do Cerro de la Horca (Plazenzuela, Cáceres), atestou estratigraficamente a coetaneidade entre o aparecimento dos primeiros sinais de metalurgia e o da cerâmica campaniforme, na camada II-b (González, Castillo e Hernández, 1991, p. 16); na Bacia Média do Guadiana, os trabalhos de prospecção dirigidos por Enríquez Navascués permitiram apenas identificar, na área de Llerena, dois povoados em estreita associação com vestígios de mineração do cobre, um dos quais, El Pedrosillo, também com cerâmica campaniforme (Enríquez Navascués, 1989, p. 80-81).

Note-se que no Sudeste peninsular, por outro lado, se encontram alguns povoados implantados praticamente sobre os terrenos mineiros, com práticas metalúrgicas bem atestadas desde meados do III milénio, como acontece com os povoados de Almizaraque, por exemplo; em ambos se documentou, em todo o caso, uma importante presença campaniforme (Delibes, et al, 1989, p. 82).

Merece ainda atenção o facto de, no famoso povoado de Los Millares, serem muito ténues os materiais que documentam a prática da metalurgia; porém, dentro do mesmo contexto geográfico e cultural, no povoado de El Malagón, implantado junto de afloramentos de malaquite, documentou-se uma intensa actividade minero-metalúrgica, a que se acrescentam, mais uma vez, alguns materiais campaniformes (Arribas et al., 1989, p. 72-74).

A reconhecida centralidade de Los Millares sugere que os povoados metalúrgicos, com uma economia mais ou menos assente na exploração e comércio do cobre, podiam depender de outros centros locais, cuja prosperidade seria, principalmente, de raiz agrícola e ganadeira e que podem, de algum modo, ter tido intervenção nas redes de intercâmbio para escoamento do metal.

Contrariando algumas tendências que tenho vindo a enunciar, o povoado calcolítico pré-campaniforme de Santa Justa, com datações desde a primeira metade do III milénio, demonstrou uma “intensa actividade metalúrgica” (Gonçalves, 1989a, p. 313), aliada a uma implantação pouco eficaz do ponto de vista da rentabilidade agrícola.

Santa Justa aparece, pois, no âmbito geográfico do Centro e Sul de Portugal, como um dos primeiros povoados em que o metal assumiu uma certa importância económica; a própria fundação do povoado, fortificado desde o primeiro momento, pode ter sido motivada pela riqueza cuprífera da inhospita região em que se instalou.

A hipótese do enxameamento a partir de áreas vizinhas, o Baixo Alentejo ou a área mineira de Huelva (Gonçalves, 1989a, p. 415), com as quais são indesmentíveis as semelhanças estilísticas, ao nível da componente artefactual, pode ainda alargar-se a regiões mais afastadas, como o Alentejo Litoral e Central ou a Baixa Extremadura e a província de Sevilha; não deixa de se destacar, em todo o caso, a aparente precocidade de Santa Justa no domínio das técnicas minero-metalúrgicas, numa época em que, no Centro-Sul de Portugal, os vestígios de cobre correspondem quase sempre a produtos acabados (e geralmente pouco abundantes).

Sabe-se também, por exemplo, que num dos raros povoados fortificados da área de Huelva, o Cerro de Los Vientos de la Zarcita, cujo amuralhamento foi antecedido por uma

fase aberta, não se recolheu, em escavação, um único vestígio de metalurgia do cobre (Piñon, 1986, p. 319); o mesmo se passa, aliás, embora aqui pareça mais expectável, no povoado de Papa Uvas, atribuído pelo seu escavador ao Neolítico Final e Calcolítico Inicial, onde não se encontraram “nem restos nem rastros de nada relacionado com a prática da metalurgia” (Martín, 1985, p. 188).

Na província de Córdoba, pelo contrário, no povoado aberto de Morales, em que as taças carenadas, associadas a pratos de bordo espessado, atingem uma percentagem próxima dos 50%, recolheram-se, segundo os escavadores, indícios expressivos de actividades metalúrgicas (Carrilero, Martínez e Martínez, 1982).

Voltando à região da serra d’Ossa, convém assinalar ainda que a implantação dos dois únicos povoados com vaso campaniforme (exclusivamente exemplares incisos) contraria abertamente as generalizações formuladas com base nos sítios conhecidos em áreas limítrofes (Cardoso, 1994, p. 136; Silva e Soares, 1987, p. 73).

Em contraste com a preferência por áreas abertas, observada em povoados como Vale Vistoso (Soares e Silva, 1976-77) ou Barrada do Grilo (Santos, Soares e Silva, 1972), os povoados da Fonte Ferrenha e do Famão (427. 1) instalaram-se ambos em cabeços com elevadíssima defensabilidade natural, na interface entre algumas manchas de terrenos aptos para a agricultura e paisagens muito agrestes, onde a pastorícia e a caça seriam as únicas modalidades económicas viáveis.

A metalurgia do cobre, como já sublinhei, só aparece bem caracterizada na Fonte Ferrenha e, neste caso, os terrenos metalíferos localizam-se nas proximidades imediatas. As minas da Mostardeira, o ponto mais próximo onde se reconhecem actualmente as cicatrizes de extensos labores mineiros, alguns deles indubitavelmente recentes, dista cerca de 7 km do povoado; porém, se admitirmos para esta época uma exploração preferencial pelos afloramentos superficiais, o minério poderia efectivamente ser obtido a uma distância muito menor.

Note-se, a propósito, que o único sítio onde, até agora, se conhecia a presença de campaniforme, em toda a região, era a anta das Casas do Canal (Leisner e Leisner, 1955), monumento reutilizado que se localiza, por sua vez, a escassos 3 km das minas da Mostardeira.

A localização da Fonte Ferrenha domina visualmente todo o vale da Bacia Superior do Lucefece e o patamar ocidental do Maciço Calcário, onde identifiquei uma extraordinária concentração de sítios de todas as épocas, correspondendo ambos a áreas de transitabilidade muito elevada. Por outro lado, aquele povoado controla ainda os caminhos naturais que permitem transpor a serra d’Ossa pelo lado sul, estabelecendo a ligação com a área da Bacia do Degebe.

Finalmente, note-se que não foram detectados vestígios claros de estruturas defensivas, tal como, aliás, acontece no povoado de Famão, o que, por outro lado, sem escavação, significa muito pouco. Na verdade, as novas surribas levadas a cabo pela Portucel para replantio de eucaliptos, evidenciam, no lado leste do cabeço, uma elevada densidade de lages de xisto, que traduzem a existência de restos de estruturas (defensivas ou outras) na Fonte Ferrenha.

Tem sido observado que o abandono das muralhas, nos casos em que existiam anteriormente (Cardoso, 1994, p. 136), ou a fundação de povoados sem sistemas defensivos artificiais (como Barrada do Grilo e Vale Vistoso), parecem caracterizar, nalgumas áreas, a época campaniforme.

Segundo K. Lillios, a este fenómeno poderia corresponder “uma mudança na função dos assentamentos, um declínio das hostilidades inter-sítios, ou a necessidade decrescente de sinais visíveis de territorialidade” (Lillios, 1991, p. 98); seja como for, na região da serra

d'Ossa, mesmo sem ser possível asseverar a existência de muralhas nos povoados com campaniforme, é indiscutível que eles correspondem a uma das estratégias de implantação mais agressivas, em termos regionais, no contexto do Neolítico Final-Calcolítico.

Com ou sem muralhas, a defensabilidade destes sítios foi inequivocamente uma prioridade, com custos óbvios em termos de investimento energético, e que parece, no caso da Fonte Ferrenha, ter-se mantido eficaz ao longo do II milénio a.C.

A disponibilidade de solos agrícolas na Fonte Ferrenha (5%, no raio de 1 km e 14%, no raio de 5 km) afasta-se muito dos padrões observados na maioria dos povoados do Neolítico Final-Calcolítico da região, o que pode traduzir uma reduzida importância da produção agrícola na economia do povoado, embora as limitadas manchas de solos cultiváveis nas margens do troço superior do Lucefece permitam, em função do comportamento hidrológico deste ribeiro e da topografia, uma eventual intensificação agrícola com base na irrigação.

Igualmente no caso de Famão, com 0% de solos cultiváveis no raio de 1 km e apenas 10%, no raio de 5 km, se verifica uma situação semelhante, sendo o regime da ribeira da Asseca análogo ao do Lucefece e havendo nas margens da ribeira algumas pequenas várzeas de solos aluviais, potencialmente irrigáveis.

Pelo contrário, na maior parte dos casos, os povoados dispõem, no raio de 1 km, de, pelo menos, 40% de solos com potencial agrícola; o Monte da Ribeira que, logo a seguir à Fonte Ferrenha, é o povoado melhor representado artefactualmente, dispõe de 100% de solos cultiváveis, considerando o raio de 1 km.

Note-se que o Monte da Ribeira, artefactualmente muito distinto da Fonte Ferrenha, se implanta numa área totalmente aberta, precisamente em cima dos solos cultiváveis e na margem de um curso de água.

Por outro lado, os raros povoados com menos de 10% de solos agrícolas, tanto no raio de 1 km, como no raio de 5 km, encontramos-os exclusivamente junto ao Guadiana, dois deles sobrepostos por povoados da Idade do Ferro: Milreu e Pena de Alfanje.

Parece claro que, para além da procura da disponibilidade de solos agrícolas, o povoamento do Neolítico Final-Calcolítico evidencia também uma certa estratégia de controlo das principais vias naturais de trânsito. Os povoados ribeirinhos atrás referidos exemplificam bem esta tendência, patente também na proximidade em relação aos restantes cursos de água, às linhas de fecho, aos patamares, às portelas e aos vaus.

Note-se que, por exemplo, cerca de 10% dos povoados da região se localizam precisamente sobre as principais linhas de fecho.

Quanto à geologia, é interessante verificar uma clara predilecção pelas fronteiras geológicas, particularmente no que concerne aos povoados com maior defensabilidade natural, cujas implantações parecem equilibrar requisitos de ordem defensiva, frequentes nos xistos e nos calcários, com requisitos de ordem económica, nomeadamente os solos com potencial agrícola, disponíveis nas formações granitoides ou sedimentares.

Como se viu, mais de metade dos povoados caracteriza-se por uma defensabilidade natural elevada; dos restantes, apenas metade não usufrui de quaisquer condições naturais de defesa (22%). Deste modo, apesar de se confirmar, como tendência maioritária, a imagem clássica do povoamento Neolítico Final-Calcolítico, deve sublinhar-se a elevada representatividade dos povoados abertos, já perceptível nos resultados das prospecções na Bacia Media do Guadiana ou mesmo em Reguengos e Vidigueira.

Os recursos mineiros não parecem, de modo algum, ter sido determinantes na instalação dos povoados do Neolítico Final-Calcolítico regional; destes, apenas 18% dispõem de recursos mineiros abundantes, enquanto 57% se localizam em áreas em que eles não ocor-

rem dentro das respectivas áreas teóricas de captação de recursos. Com efeito, a relação espacial entre os povoado e os minérios de cobre só parece ser positiva nos casos em que, nas mesmas áreas, os solos apresentam também algum potencial agrícola.

Em termos da área ocupada, pese embora a impossibilidade de uma quantificação rigorosa, verificamos que raras vezes os povoados desta época ultrapassam 1 ha (13%), valor que, em média, se pode inclusivamente considerar excessivo.

Por outro lado, faltam absolutamente, por enquanto, os grandes ou médios povoados abertos, de que se conhecem alguns exemplares tanto a montante como a jusante, na bacia do Guadiana.